



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIA HUMANAS/GEOGRAFIA

SÂMEA SOARES DA SILVA

**AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PERMANÊNCIA DE
MÃES NO ENSINO SUPERIOR – UFMA GRAJAÚ/MA**

GRAJAÚ

2023

SÂMEA SOARES DA SILVA

**AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PERMANÊNCIA DE
MÃES NO ENSINO SUPERIOR – UFMA GRAJAÚ/MA**

Trabalho de Conclusão do Curso, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Ciências Humanas/Geografia pela da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Grajaú, MA.

Orientador: (a) Dr Monica Ribeiro Moraes de Almeida

GRAJAÚ

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SOARES DA SILVA, SAMEA.

AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PERMANENCIA DE MÃES NO
ENSINO SUPERIOR UFMA- GRAJAÚ-MA / SAMEA SOARES DA SILVA. -
2023.

59 f.

Orientador(a): MONICA RIBEIRO MORAES DE ALMEIDA.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Geografia, Universidade Federal do Maranhão, GRAJAÚ, 2023.

1. CONCILIAMENTO. 2. GÊNERO. 3. MATERNIDADE. 4.
POLÍTICA. I. RIBEIRO MORAES DE ALMEIDA, MONICA. II.
Título.

SÂMEA SOARES DA SILVA

**AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA PERMANÊNCIA DE
MÃES NO ENSINO SUPERIOR – UFMA GRAJAÚ/MA**

Trabalho de Conclusão do Curso, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Ciências Humanas/Geografia pela da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Grajaú, MA.

Orientador: Dr Monica Ribeiro Moraes de Almeida

Aprovada em: 29/_/08/_/2023_

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Monica Ribeiro Moraes de Almeida (UFMA)
Orientadora

Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha
UFMA

Profa. Dra. Patrícia Costa Ataíde
UFMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, e nunca ter me deixado desistir, agradeço por ter me concedido sabedoria, agradeço também por sempre me dá saúde todos os dias, para enfrentar os dias bons e ruins.

Agradeço também meu esposo Paulo Ricardo, ao meu filho Benjamim, por sempre estarem me incentivando todos os dias, pois sempre estiveram na torcida pelas minhas conquistas. Quero agradecer minha mãe Francilene que sempre me ajudou e sempre esteve ao meu lado, quero agradecer a minha sogra Eva Coimbra e minhas cunhadas que sempre estiveram me ajudando nessa caminhada.

Não poderia deixar de agradecer a minha amiga Mirian, pois sem ela não seria fácil essa jornada, uma amizade muito especial que a faculdade me deu, sou muito grata pela amizade que temos, sou grata por toda parceria que tivemos, obrigada minha amiga.

Deixo meus sinceros a agradecimento a minha orientadora e professora Monica Ribeiro Moraes de Almeida, por não ter desistido de mim nessa jornada obrigado por me incentivar nesse processo, sou grata pela pessoa que ela é, pois para mim é um exemplo de mulher e profissional.

Sou grata a todo corpo docente da Universidade Federal do Maranhão por serem bons profissionais e sempre desempenharem suas funções com profissionalismo. E agradecer a todos que me ajudaram diretamente e indiretamente, contribuindo para que eu pudesse chegar até aqui.

RESUMO

Esta monografia tem por finalidade apresentar as dificuldades da mulher enquanto mãe na sua trajetória universitária, na Universidade Federal do Maranhão Campus/Grajaú-MA, com o intuito de refletir os desafios encontrados pelas discentes enquanto mães. Portanto pretende-se compreender elementos relacionados a desigualdade de gênero no contexto político, social e acadêmicos, tentando perceber o processo de conhecimento, e vivência no espaço acadêmico e suas narrativas cotidianas. Esta pesquisa, de caráter qualitativo, fez uso de entrevistas revisão bibliográfica e documental por meio de estudo de artigos, trabalhos de conclusão e leis que abrangem o assunto. Este é um trabalho que buscou refletir a vida de um grupo de alunas do campus da UFMA em Grajaú-MA que são mães, tentando perceber. como é o cotidiano e barreiras enfrentados por uma mãe e as várias funções da sua vida.

Palavras- Chave: Política. Gênero. Maternidade. Conciliamento.

ABSTRACT

This monograph aims to present the difficulties of women as mothers in their university career, at the Federal University of Maranhão Campus/Grajaú Má, in order to reflect the challenges faced by students as mothers. Therefore, it is intended to understand related elements and gender inequality in the political, social, and academic elements about the knowledge process, and experiences in the academic space and their everyday narratives. This research is guided as a qualitative study that sought the use of interviews, and study of articles, works of conclusion along with laws that cover the subject. In this research, works with similar themes were used, this research is a work that reflects the life of the group of students who are mothers on the UFMA campus in Grajaú Má. The following work tried to show a little of what the daily life is like and the barriers faced by a mother and her various functions in her life.

Keywords: Politics. Gender. Maternity. Conciliation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 IDENTIFICAR HISTORICIDADE FEMININA NA MATERNIDADE AS CONDIÇÕES DE VIDA, MOTIVAÇÃO, PERSPECTIVAS DAS MÃES UNIVERSITÁRIAS.....	10
3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENDIMENTOS AS MÃES DA UFMA- GRAJAÚ.....	19
3.1 Suporte de atendimento as alunas dentro da universidade.....	22
3.2 Uma breve relação social das discentes e corpo docente.....	26
3.3 A maternidade e o autocuidado de si.....	31
4 COMPREENDER A DIVERSIDADE DAS MÃES AO LONGO DO CURSO, CORRELACIONADO A VIDA ACADÊMICA JUNTAMENTE COM A VIDA PESSOAL.....	35
4.1 A discriminação as discentes no âmbito acadêmico	39
4.2 A maternidade universitária enquanto debate docente	42
4.3 A maternidade e seus significado no meio universitário	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERENCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O conciliamento dos papéis e funções entre universitários, caracteriza-se um problema para muitos, mas principalmente para as mulheres enquanto mães e universitárias, é uma temática vivenciada por muitas, porém pouco debatida, sendo uma questão de grande impacto nos aspectos político e educacional.

A investigação da maternidade durante a continuação do ensino superior evidência um número alto de alunas mães, que já tinham filhos antes de iniciarem o curso, ou mesmo que se tornam mães durante a graduação. Essa condição tem relação direta no desempenho dessas alunas, soma-se a isso o impacto as funções e papéis que a sociedade patriarcal estabelece para a mulher.

Sendo assim, é visível quando uma mãe ultrapassa barreiras para realizar o que for preciso para ver sua família melhor em todos os aspectos. Mesmo que não haja apoio das pessoas próximas ou até mesmo do parceiro, sendo ela casada ou mãe solteira.

Estudar as universitárias enquanto mães no campus da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, da cidade de Grajaú -MA, é o foco desta pesquisa. No decorrer da minha graduação, eu senti a necessidade de estudar esse tema, tanto por questões pessoais quanto pela necessidade das demais alunas enquanto mães assim como eu. Assim, configura-se um relato pessoal, onde posso expressar minha experiência sendo mãe universitária, dona de casa e empreendedora.

Além disso, busco também uma qualidade de vida melhor para minha família, através de um curso de ensino superior, a pesquisa irá preencher um sentimento de etapas importantes na minha vida tanto pessoal quanto profissional.

Foi neste cenário, que houve uma necessidade de entender como é essencial, a essas alunas, encontrarem novas oportunidade. Ouvir cada relato destas me levou a construção conclusão como nós todos temos algo em comum, mulheres fortes e determinadas.

O interesse desta pesquisa, obteve-se através do convívio com algumas discentes enquanto colegas de turma, mas também através de um

projeto de pesquisa da bolsa foco acadêmico, sob orientação da professora Dra. Edilma Fernandes da Silva, momento que aconteceu a escolha do tema, pois foi escolhido com o intuito de mostrar como é a dinâmica das estudantes com o conciliamento de seus diversos papéis.

Para a construção desta pesquisa, realizei pesquisas bibliográficas para entender a temática. Encontrei um artigo intitulado: “A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão – UFMA campus VII Codó”, feito no ano de 2019 (SANTANA; BRANDÃO, 2020), em que o principal objetivo era refletir sobre os desafios encontrados pelas mães universitárias. Esse artigo foi utilizado com base para a construção deste trabalho.

A partir da análise de Michel Foucault (2011), sobre a sexualidade e relação de poder, busquei entender como essas alunas conseguem conciliar as suas várias funções e mesmo assim prosseguir em sua formação.

Assim, a pesquisa aconteceu no campus da UFMA – GRAJAÚ, o trabalho configurou-se um relato de 16 mulheres discentes juntamente com o corpo docente, sendo 08 profissionais que participaram da pesquisa, todos frequentam a universidade.

As mulheres entrevistadas no campus da UFMA de Grajaú, tem idades entre 18 a 34 anos, sendo mães de 1 a 5 filhos, todas estão cursando a primeira graduação. Foi observado que as alunas exercem trabalhos de (domésticas, vendedoras, empreendedoras), as mesmas estão no máximo 6º período dentro da universidade.

Procurei analisar as alunas mães do campus de Grajaú-MA, assim tentar compreender, se todas têm o mesmo pensamento em relação a conciliação de suas tarefas do dia a dia e universitárias.

Durante as conversas com as entrevistadas desta pesquisa, foi possível observar que grande parte das alunas mães tem problemas para a continuação do curso, mas que sempre procuram ajuda com familiares, companheiros ou amigos, para estarem prosseguindo com os seus deveres na universidade. Além disso, foi observado que a maioria das entrevistadas foram mães antes de adentarem no ensino superior.

As dificuldades das entrevistas com essas mães foi a disponibilidade de tempo, devido à sobrecarga de afazeres e pouco tempo disponível para

interação. Outra dificuldade foi selecionar as falas das minhas interlocutoras, aquelas mais representativa, que desse conta de mapear as experiências das discentes mães. Observei que todas queriam falar, se expressar e serem ouvidas.

Conversei com algumas discentes selecionadas que estavam dispostas a compartilharem alguns momentos de suas vidas, porém de forma totalmente anônima, o que me trouxe um melhor entendimento como as mulheres podem ser universitárias e mãe ao mesmo tempo, desta forma elas puderam contribuir com meu trabalho.

Além das alunas, houve a participação do corpo docente que, também, teve toda disponibilidade em me ceder um tempo para as entrevistas. Este trabalho está dividido em quatro momentos, que abordam aspectos diferentes a respeito do assunto e as dificuldades na permanência de mães no ensino superior.

No primeiro momento, foi abordado o assunto e a localidade onde aconteceu a pesquisa; no segundo momento tratou-se sobre as políticas públicas disponíveis a essas alunas na UFMA, em Grajaú; já no terceiro foi discutida historicidade das relações de poder entre gênero, condições e motivações das mães universitárias; no último momento será enfatizado sobre as diversidades dessas mães ao longo do curso e como elas fazem a conciliação do curso com a vida cotidiana.

Em suma, procurei mostrar diversidade de posicionamentos e situações que as universitárias passam diariamente para prosseguirem e superar os preconceito e tabus de uma sociedade.

2. IDENTIFICAR HISTORICIDADE FEMININA NA MATERNIDADE AS CONDIÇÕES DE VIDA, MOTIVAÇÃO, PERSPECTIVAS DAS MÃES UNIVERSITÁRIAS.

O estudo sobre historicidade feminina é o início para se desconstruir questões de relação de gênero estabelecido pela sociedade. Entende-se que para estar inserido no meio social existe uma construção de papéis sociais a desempenhar com padrões corretos a seguir, a distribuição de poder simétrico ou assimétrico, que faz a divisão de poder entre feminino e masculino na sociedade.

Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. (FOUCAULT, 2011, p.21).

Nas sociedades antigas, o sexo era um problema a ser enfrentado, pois formas prazer não deveriam se expressadas. A prática sexual estava condicionada à procriação. No texto de Dabat (1995), em que se refere a discussão da Joan Scott, gênero era apenas uma forma de desigualdade social no mercado de trabalho, construindo uma visão de funções diferentes e desigualdade de renda.

Mas a origem dessas disposições sociais não está clara, nem o porquê delas serem articuladas em termos da divisão sexual do trabalho. Não se encontra também nenhuma interrogação sobre o problema da desigualdade em oposição àquele da simetria. (J SCOTT. 1995 pág. 03)

Percebe-se, como todo um processo nas relações assimétricas entre ambos os sexos, tornam uma questão política, não justa, pois o gênero deveria ser imposto igualmente não só por questões biológicas, mas também no meio social, reproduzido pela sociedade, são mudanças que acontecem lentamente conforme o desenvolvimento de uma sociedade.

A mulher sendo o instrumento usado para a essa base, criada e instruída para assumir seu papel de futura mãe e exemplar em sua casa, sendo direcionada automaticamente a maternidade, sem ter o direito de escolha.

Joan scott (1995) apresenta as disposições sociais que definem papéis e exigem que os pais trabalhem e as mães cuidem da maioria das tarefas de criação dos filhos, estruturam a organização da família.

Na discussão de Joan scott, explica as disposições sociais em que define onde o indivíduo vai estar inserido, pois não é o seu mérito obtido, mas sim seu gênero que vai definir onde deve se encaixar

Nessa perspectiva, ainda se faz necessário uma discussão sobre dominação de gênero, em que as mulheres devem ocupar espaços relacionado ao lar, tinha mulheres que trabalhavam no meio público, mas o serviço não era bem-visto pela sociedade, sendo assim os homens ocupavam o meio público exercendo cargos importantes e profissões. Isso foi imposto, os papéis para homens e mulheres, definidos conforme a hierarquia e as relações sociais.

Foucault (2011) ressalta que o dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder, visto pela sociedade, estando sempre ligado a uma configuração de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. Como uma questão de dominação do corpo em uma relação de poder entre ambos os sexos.

A maternidade representando o ser-mãe. Ao longo do tempo sofreu muitas mudanças, aos homens cabia o sustento da casa, à mulher os cuidados da família. Porém, esses cuidados não se restringiam somente às necessidades básicas da criança, mas também a uma disponibilidade psíquica, a qual passa a ser denominada maternagem. A mulher então passou a desenvolver o papel de formadora desse indivíduo (SCAVONE, 2001).

Entre os séculos XVII e XIX, inicia-se uma transformação na imagem da mulher como mãe, por definições médicas, em 1760, foi estabelecida a amamentação como dever da mãe. A maternagem passa a ser extremamente valorizada e os cuidados relativos a essa atividade passam a ser exclusivos da mãe, adquirindo o papel de cuidar e amamentar os filhos. O desenvolvimento da nova função culmina na rápida associação entre mulheres, maternidade e maternagem (GRADVOHL, 2013).

A maternidade refere-se a mãe que gera e pari a criança e a maternagem que vem depois, como ato de cuidar e dar apoio à criança. Dessa forma, a

maternidade é uma questão a ser discutida em várias áreas como a família, escola, sistema político e nas universidades, pois se tornar mães no percurso acadêmico reproduz um grande impacto nessas mulheres.

Tourinho (2006) aborda um questionamento que nos leva a pensar automaticamente uma sociedade que impôs uma obrigação às mães, a partir do momento que o filho nasce, elas têm que assumir o papel maternal sem poder ter outras opções, somente o cuidado com os filhos, sem prosseguirem seus sonhos e projetos, na qual, é obrigada a adiar e mudar seus relacionamentos para assumir um papel ideal que a sociedade impôs sobre elas.

Considero importantes os seguintes questionamentos: Será que a sociedade, que impõe a maternidade às mulheres, está preparada para recebê-las nos espaços públicos? Será se a universidade está pronta para receber essas mulheres mães?

Observa-se que a sociedade coloca uma obrigação às mulheres quando se chega na fase adulta e muitas vezes nem se espera chegar, mas que a mulher desde cedo tem que se preparar para casar ter filhos e cuidar da casa, assim tendo uma luta diária para se quebrar esse paradigma. Assim, a mulher a partir do momento que engravida tem uma nova identidade mãe, passando a assumir esse papel sem expressividade de outro.

A mãe, anteriormente restrita a uma função geratriz, assumiu também o papel de educadora e passou a ter uma função social. Constituía-se à mulher a responsabilidade pela saúde e pelo bem-estar dos membros da família e ampliava-se sua responsabilidade como dona de casa no controle dos filhos. A ela foram delegadas, também, responsabilidades pelo desenvolvimento emocional dos filhos.

De acordo com a autora Scavone (2001), no contexto do pós-guerra, o feminismo passou a politizar algumas questões que colocavam em xeque determinismos a respeito da vida das mulheres, como no caso da maternidade, vista dentro dos movimentos conservadores da família, como o destino das mulheres. A autora aponta que a partir, sobretudo, do livro “O segundo sexo”, de Simone Beauvoir (1949), o movimento feminista passou a contestar os temas relacionados a mulher, seu papel, àquilo que era considerado inato a ela na sociedade.

Ao afirmar que uma mulher não nasce, mas “torna-se”, Beauvoir (1949), aponta um caminho para além do biológico, complexifica as diferentes experiências das quais as mulheres são submetidas. Segundo Caetano (2016):

O “Segundo sexo” está dedicado a mostrar, a partir da perspectiva moral existencialista, como estão constituídas as marcas que excluem as mulheres do acesso individualidade e, portanto, liberdade. Assim, ser mulher não era uma eleição, na perspectiva de Beauvoir, mas uma determinação. A esta marca, em princípio, biológica, se acumulam outras e a figura final “a mulher”, está construída com um molde que a nenhuma lhe permite rechaçar e, portanto, tampouco eleger. Ser mulher tem sido e na aprendizagem que como consequência, limita seu poder sobre o universo e sobre sua vida (CAETANO, 2016, p.91).

Ao pensar na maternidade a partir da perspectiva feminista, entendo enquanto construção social, que ao designar o lugar de mulheres na família e mais amplamente na sociedade, contribuía sobremaneira na complexa rede que amparava a dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino (SCAVONE, 2001).

Neste contexto, compreende-se que as mulheres são as que amparam o papel masculino no contexto familiar do lar, mas, que elas podem ser tonar algo além disso na sociedade. Desta forma, os movimentos feministas têm como seus objetivos também de lutar contra desigualdade entre os sexos, na qual, a mulher pode desenvolver diversas atividades como ambos os direitos.

Ao falar do papel da mulher na sociedade como um todo, é imprescindível falar dos avanços conquistados por lutas sociais e articulações do movimento feminista. Nada do que se tem hoje por direito para as mulheres veio por acaso.

O crescimento da participação feminina na esfera popular é resultante de reivindicações feministas. Tais reivindicações asseguraram o direito ao voto, direito ao trabalho formal e participação pública (CARNEIRO, 2003).

Entende-se, com isso, que pelo fato de haver uma relação intrínseca, complementar e assimétrica entre os sexos, a maternidade é então um processo político, produzido e reproduzido a partir das experiências vividas em sociedade, e que, sofre mudanças na forma pela qual é concebida de acordo com as transformações que acompanham a vida em sociedade.

Contudo, mesmo com todas as alterações sobre a maternidade, o nível de autonomia da mulher sobre ela, ainda está profundamente relacionada a

tomadas de decisões político legalistas androcêntricas. Ou seja, como se observou nas descrições supracitadas, as mudanças ocorridas no papel da mulher do lar, principalmente da maternidade, é algo extremamente complexo e envolve vários contextos.

Historicamente, foram estabelecidos diferentes papéis para homens e mulheres, fomentados por valores cristãos, com centralidade na importância da família patriarcal, heterossexual, com papéis definidos na hierarquia das relações sociais (SAALFELD, 2019).

A partir dessa perspectiva, se propôs a discutir uma visão de maternidade construída por elementos culturais, através de discursos, dos quais as mulheres têm sido “cobradas” historicamente, seja por uma obrigatoriedade em serem mães, ou seja, pelo fato de quando se tornam mães terem de viver exclusivamente para o cuidado da criança, ignorando muitas vezes o fato das mulheres exercerem múltiplas jornadas e diferentes papéis ao longo da vida, neste sentido Hays (1998), escreve que:

A ideologia da maternidade intensificada é um modelo que aconselha as mães a despenderem uma enorme quantidade de tempo, energia e dinheiro na criação de seus filhos. Numa sociedade em que mais da metade de todas as mães com filhos pequenos trabalha fora de casa, bem poderíamos nos perguntar por que a nossa cultura pressiona as mulheres a dedicar tanto de si mesmas à criação de seus filhos. Além do mais, numa sociedade em que a lógica do ganho egoísta parece orientar o comportamento em tantas esferas da vida, poderíamos também nos perguntar por que uma lógica altruísta de proteção e carinho orienta o comportamento das mães. Esses dois fenômenos intrigantes constituem o que chamo de contradições culturais da maternidade contemporânea (HAYS, 1998, p. X).

Na construção da denominação de incoerência culturais da maternidade, se observa o dilema das mães que são estudantes universitárias, que ao conciliarem a maternidade com a vida acadêmica encontram-se diante de desafios. Por exemplo, ao serem julgadas por estarem estudando e deixarem o/a filho/a sobre a responsabilidade de outras pessoas, ou por acabarem tendo que escolher entre a carreira científica e o cuidado com a família, por pressão familiar (SAALFELD, 2019).

Para Reis (2017), os indivíduos buscam crescimento profissional, pessoal e social através da inserção na universidade, por necessidades de diversas ordens, as mulheres, por questões historicamente conhecidas sobre

disparidades de gênero, buscam pela emancipação em todos os âmbitos sociais, principalmente dentro do contexto da universidade. A educação feminina é vista como fundamental para a independência das mulheres. A universidade, por sua vez, tem papel poderoso e de extrema importância no percurso da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, tornando-se um suporte para alcance deste objetivo.

O simples fato das mulheres mães estarem nas universidades, já quebra todo o dilema imposto ao longo dos anos, na qual, restringia a mulher somente ao lar e a maternidade. Ou seja, a mulher assume todos esses papéis juntamente com a vida acadêmica. Considerando todas as dificuldades que a mesma enfrenta diante desse novo cenário.

A primeira barreira enfrentada pelas mulheres constitui-se quebrar a ideia na qual as mulheres estão destinadas apenas para a maternidade exclusivamente, como se observou nas descrições acima. E sim, que podem atuar em diversas áreas, inclusive a acadêmica. Sabe-se que muitas são as dificuldades enfrentadas nesse percurso.

Ser ou tornar-se mãe ao longo do percurso acadêmico produz impactos e desafios na vida da estudante e, sua criança, já que é preciso articular o tempo com os estudos, com os/as filhos/as e os demais afazeres. Ou seja, para as mães poderem ingressar na vida acadêmica ou, continuarem, é necessário enfrentar vários desafios e barreiras impostas.

Os estudos de Urpia e Sampaio (2009,) apontam que a mulher se encontra em desvantagem na permanência na universidade, em razão de ser um grupo social com especificidades e que, portanto, necessitam de atenção especial por parte da instituição.

Segundo URPIA (2009), os estudos acerca do contexto da maternidade e vida acadêmica indicam desvantagens para as mulheres, uma vez que recaem sobre elas as responsabilidades dos cuidados parentais na nossa cultura. É interessante ponderar o entendimento de que há diversas subjetividades para as mulheres e mães, e é válido, e necessário, respeitar os mais diferentes formatos de cuidados maternos que existem, dentro dos mais variados campos de estudos (RIBEIRO, 2017).

Observou-se nas citações dos autores, que grande é a desvantagem para mãe universitária, pois além dos seus compromissos de mãe, há todo o percurso

e deveres e responsabilidade relacionados a vida acadêmica. Além disto, a falta de apoio colabora bastante para esse ponto.

Conforme Costa (2008) afirma em seu artigo, as mães universitárias sofrem por sua maternidade durante a graduação e muitas vezes acabam atrasando ou até mesmo paralisando o curso para poderem cuidar de seus filhos, principalmente pelo fato de não terem onde deixá-los.

Segundo Raupp (2004), as participantes da sua pesquisa enfrentam um problema pelos quais muitas outras mães estudantes passam. Elas afirmaram que enfrentam discriminação na carreira acadêmica, em dados momentos, não só por parte dos seus colegas, mas, experiências isoladas de duas das entrevistadas demonstram esse ato de desencorajamento, descrença na possibilidade de conciliação de ambos os papéis, por parte da coordenadora do curso que elas participavam.

Afirma-se que essa situação faz com que as mulheres vivenciem vários sentimentos, como ansiedade, medo, angústia, culpa. Dessa forma, fomentar o debate sobre essas questões pode muitas vezes ser um instrumento de fortalecimento das mães que se deparam constantemente com tantas barreiras e empecilhos, quando persistem na difícil tarefa de conciliar a maternidade à universidade (SOARES *et al.*, 2013).

Em conformidade com os relatos, de fato, a chegada de um filho interfere, positiva ou negativamente, na vida das mulheres e as atividades acadêmicas, inevitavelmente, tendem a ficar em um segundo plano. Para elas, o mais difícil é exatamente conseguir conciliar o tempo de ser universitária e de ser mãe, e acabam por experimentar diversos desafios na conciliação da vida acadêmica com a materna, persistência é o primeiro deles. Conciliar faculdade com maternidade é um tanto quanto complicado, e exige sacrifícios.

Diante do exposto, pôde-se compreender que a vida das mães que frequentam as universidades não é uma tarefa fácil, muitos são os obstáculos no caminho. Todavia, para se conseguir realizar sonhos, são necessários grandes sacrifícios e as mães compreendem muito bem o assunto.

Conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica em uma sociedade onde a responsabilidade sobre os filhos costuma recair sobre as mulheres é um desafio que transcende as questões acadêmicas. Existe uma cobrança da própria universidade por bons rendimentos acadêmicos e existe um peso do que é ser

mãe, ancorado nas projeções e expectativas que a nossa sociedade lança sobre a maternidade (URPIA, 2009).

A falta de apoio às mães acadêmicas reflete muito nas suas tarefas em ambos os cenários, pois a família cobra de um lado e a universidade do outro. Neste cenário, está uma mãe que necessita desempenhar múltiplas funções. No entanto, quando a família está como suporte, os papéis fluem de forma melhor.

Por isso é importante que a família esteja participando como rede de apoio. As entrevistadas a seguir mostram em suas falas o quanto é necessário a família estar presente, sendo assim, foi respondido a seguinte pergunta: Sua família ajuda você a conciliar os dois papéis? Se sim, de que forma?

Bom, quando eu não posso levar minhas filhas elas ficam com minha mãe. (Entrevista concedida a mim em 2022, aluna M 7º período)

Sim, minha família ajuda tanto é que eles ficam com minha filha para eu poder estudar e trabalhar. (Entrevista concedida a mim em 2022, aluna M 6º período)

Sim, meu filho fica com minha mãe para eu poder estudar. (entrevista concedida a mim em 2022, aluna T 6º período)

Bom, quem fica com minhas filhas menores é a de doze anos, pois é ela que me ajuda, quando estou na universidade, então para mim é muito complicado não tenho alguém da família para me auxiliar, mas tenho a minha filha mais velha, então quando estou a noite estudando sempre mando mensagem para saber como elas estão. (Entrevista concedida a mim em 2022, aluna G 6º período)

É interessante notar, na experiência das participantes, que a família se constitui suporte fundamental para vivência desta experiência, quando está se constitui como uma rede de suporte consolidada. Vale salientar que, na ausência da família, os amigos (as) que exercem com mais evidência esse papel de apoio. Estas pessoas tecem com as jovens mães os primeiros fios construindo redes de significados (FERREIRA *et al.*, 2004)

A percepção do apoio também é fundamental para a adequação do papel materno em relação ao filho, as redes de apoio se tornam fundamentais, já que as famílias de origem ficam distantes ou estão ainda inseridas no mercado de trabalho.

Além disso, as concepções a respeito da maternidade e da carreira fazem com que as mães criem.

Estratégias nesses dois ambientes para conciliar os múltiplos papéis. Os estudos apontam que a crença da mãe como única capaz de cuidar do filho traz sentimentos de ansiedade e insatisfação na mulher. Já a supervalorização da carreira gera medo de provocar a falta excessiva ao bebê e uma terceirização demasiada dos cuidados com a criança. (BELTRAME e DONELLI, 2012; p. 2014)

Em Consonância, pode-se destacar também as dificuldades encontradas por parte das mães/universitárias ao tentar conciliar a maternidade com a vida acadêmica. As entrevistadas responderam a seguinte pergunta. Quais as principais dificuldades que você enfrenta no cotidiano da universidade?

Para mim não é fácil ter que trabalhar das sete da manhã às seis da tarde, e estudar das sete às dez da noite, então para mim é pouco o tempo para responder atividade cuidar do filho e focar nos estudos. (Entrevista concedida a mim em 2022. Aluna. M, 6º período)

A minha maior dificuldade é de conciliar esse tempo, de estudar, e cuidar do meu filho, ler os textos, mas mesmo é de dividir o tempo, porque eu estou lendo, aí acontece algo vou ter que parar, dá atenção para meu filho, e os textos são cobrados em sala aí fica difícil de acompanhar, nessa questão. (Entrevista concedida a mim em 2022, aluna. T, 6º período)

Nesse sentido, percebe-se que a maioria das entrevistadas destacam a vida financeira e a falta de tempo com um dos principais obstáculos para conciliar os estudos e a maternidade, algo compreensível se for levado em conta o tempo na universidade e as tarefas domésticas, assim como, a maternidade que ocupa bastante tempo dessas mulheres dificultando até mesmo obtenção de um trabalho nesse período. (PICCININI 2008).

Pelo fato de a sociedade acreditar nas ideias que foram culturalmente atribuídas as mulheres em relação à maternidade ao longo da história, muitas delas, quando se distanciam dessas projeções, são acusadas frequentemente de anormais, gerando sentimento de culpa e intimidações. Mesmo assim, as mães universitárias vão construindo sentido para suas experiências, resignificando e criando caminhos possíveis para enfrentar os desafios que se apresentam cotidianamente (BADINTER, 2011).

Diante do exposto, percebeu-se que muitos são os desafios enfrentados pelas mães acadêmicas durante a sua jornada nas universidades, todavia, todas essas barreiras são como força de encorajamento para prosseguir com a jornada e não desistir, ou seja, utiliza-se as dificuldades como impulso para conseguir ter

uma vida profissional. Sabe-se que muitas excelentes profissionais no mercado de trabalho são mães, isso quer dizer, que as mães podem e devem lutar pelos seus sonhos profissionais.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENDIMENTOS AS MÃES DA UFMA-GRAJAÚ

Desde muito cedo, os direitos femininos vêm sendo conquistado com luta, e não foi fácil obter as conquistas que temos hoje: como o direito ao voto, ao trabalho e ao estudo, como também na maternidade, entretanto, mesmo depois de muitas lutas ainda se tem desigualdades em relação ambos os sexos.

De acordo com Farah (2004, p.1), pode-se entender política pública “como um curso de ação do Estado, orientado por determinados objetivos, refletindo ou traduzindo um jogo de interesses”. Já as políticas públicas com recorte de gênero

são políticas públicas que reconhecem a diferença de gênero e, com base nesse reconhecimento, implementam ações diferenciadas para mulheres. Essa categoria inclui, portanto, tanto políticas dirigidas a mulheres – como as ações pioneiras do início dos anos 80 – quanto ações específicas para mulheres em iniciativas voltadas para um público mais abrangente (FARAH, 2004, p. 5).

Na passagem para o século XXI, a agenda de gênero foi incorporada no âmbito político brasileiro, incluindo diretrizes no campo das políticas públicas como combate à violência, saúde da mulher, geração de emprego e renda, educação etc. Nesse último, em síntese, se trata de

garantia de acesso à educação. Reformulação de livros didáticos e de conteúdos programáticos, de forma a eliminar referência discriminatória à mulher e propiciar o aumento da consciência acerca dos direitos das mulheres. Capacitação de professores e professoras para a inclusão da perspectiva de gênero no processo educativo. Extensão da rede de creches e pré-escolas (FARAH, 2004, p. 57).

A garantia do acesso à educação para a mulher é um marco importante na história de conquista do direito feminino, a inclusão da mulher nos conteúdos programáticos dos livros didáticos foi de grande importância, pois assim se torna mais visível a sua garantia no meio social.

As práticas da assimetria estão inseridas na sociedade em várias áreas, mas principalmente nas configurações da estrutura social, e ela pode estar estabelecendo distribuições de poder desigual nas práticas cotidianas quando trata-se de pensar não só a questão de gênero, mas também de raça, etnia e classes sociais.

A assimetria é construída de hierarquização das diferenças na relação de poder entre os diferentes sexos, sendo a principal causa da discriminação de gênero (PORTO, 2011). A assimetria instaurada reflete no contexto de uma sociedade antiga, mas que pode ser modificada, ela que descreve as relações com dois tipos de valores, a sexualidade e a reprodução, assim ambos irão fazer o papel ideal de uma sociedade perfeita.

O processo de poder estabelecido nas relações assimétricas entre ambos os sexos se torna uma questão política, visto isso, o desenvolvimento da sociedade, conforme os anos, tem-se a luta pelos direitos impulsionados pelo povo, que impulsiona o governo no intuito de vida social melhor.

O princípio da igualdade se destacou nas Constituições anteriores à de 1988, porém tratava-se somente da igualdade formal, tratamento dispensado pelo Estado a seus administrados sem levar em consideração as distinções existentes em cada classe social brasileira, o que não trazia garantia de igualdade de oportunidades a todas. (ALMEIDA. TEIXEIRA, 2011. Pág 106)

Percebe-se que mesmo as constituições tratando desigualdade formal, ainda faltava oportunidade a muitos, visto que essa garantia não era suficiente para um direito necessários de uma assistência aos mais vulneráveis economicamente essa pauta em relação ao direito igual a todos não atingiu seu propósito esperado pelo estado e pela sociedade, a favor das minorias sociais.

Através das políticas de ações afirmativas buscou-se um meio de trazer uma igualdade de oportunidade para se uma vida digna.

A Constituição de 1988 trouxe como forma de defesa das minorias sociais a proteção do mercado de trabalho da mulher, licença maternidade, reserva de vagas para deficientes físicos no serviço público, reserva de 30% das vagas em pleitos eleitorais para as mulheres, 20% de vagas em cargos públicos para deficientes físicos, entre outras medidas. (ALMEIDA. TEIXEIRA.2011. Pág.109)

Vemos a importância das políticas de ações afirmativas, são responsáveis por mediar a ação do Estado, tendo o compromisso direcionado

ao direito de igualdade para os grupos de minorias, visando em combater a discriminação étnicas, raciais, religiosas e de gêneros.

Por isso, as políticas de ações afirmativas são essenciais para esse papel de uma sociedade mais justa, mas para isso o governo deve buscar garantir direitos sociais atuando em áreas específicas que contribuem para diversos grupos na sociedade. A ação do Estado se dá por meio de programas, ações e projetos com metas e objetivos bem definidos, colocando em pauta também o direito e política da mulher, o plano criado tem o intuito de combater a desigualdade sociais.

A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/ PR) foi criada em 1º de janeiro de 2003, com status de ministério e inaugurou um novo momento da história do Brasil no que se refere à formulação, coordenação e articulação de políticas que promovam a igualdade entre mulheres e homens. (BRASIL, 2006)

A proteção à maternidade e a infância é direito social fixado pelo art. 6º da constituição federal. A norma direciona as escolas, em função do período em que foi promulgada, pois aquela época as mulheres ainda eram minoria no ensino superior e não havia nem mesmo o direito ao divórcio. (SILVA, ALVES, CARVALHO. 2020. Pág. 05)

A lei 6.202 (BRASIL, 1975), assegura a continuidade dos estudos para alunas gestantes, tendo o direito de quatro meses de afastamento a partir do oitavo mês, mediante apresentação do atestado médico, desse modo os estudos serão realizados em domicílio. Segundo o Decreto-lei nº 1.044 (BRASIL, 1969), é de reponsabilidade do sistema advir todo o suporte educacional pedagógico para as grávidas, ou no seu período de puerpério, ou lactação. No entanto, mesmo com garantia da lei, muitas após o afastamento acabam não voltando para os estudos, focando nos filhos e em outros afazeres.

A lei 13.536/17 garante às estudantes, bolsista de agência de fomento à pesquisa, o recebimento de bolsa, bem como seu afastamento por um período de 120 dias em caso de maternidade e adoção. Art. 2º As bolsas de estudo com duração mínima de doze meses, concedidas pelas agências de fomento para a formação de recursos humanos, poderão ter seus prazos regulamentares prorrogados por até cento e vinte dias, se for comprovado o afastamento temporário do bolsista em virtude da ocorrência de parto, bem como de adoção

ou obtenção de guarda judicial para fins de adoção durante o período de vigência da respectiva bolsa (TAUIL, 2019).

Isso representa um grande avanço na luta das mulheres por uma colocação digna de direito na sociedade, assim como seu novo papel em ser mãe. Possibilitar que ela desenvolva uma relação com a criança, com menos estresses externos, e confortável para continuar suas pesquisas e carreira, é necessário para o bem-estar de ambos.

Em contrapartida, as que não possuem algum tipo de bolsa de estudos, não usufruem do mesmo privilégio. A Senadora Vanessa Grazziotin elaborou o Projeto de Lei nº 185/2018, que propõe a igualdade de direito à licença de 120 dias para as mulheres que se tornam mães, durante os estudos de pesquisas científicas e não recebem nenhum tipo de fomento, pelo contrário, arcam com suas próprias despesas.

As Nações Unidas acreditam no ensino e na educação como forma de promover o respeito ao direito e liberdade do indivíduo. Como também assegura o igual direito entre os gêneros e sexos.

Artigo VII. Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação. (ONU, 2018).

Atualmente há uma preocupação maior sobre as políticas de permanência para mães na universidade, um grande avanço para os coletivos de mães e pais. Recentemente a Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP liberou a entrada de filhos e filhas de estudantes nos restaurantes universitários, mas existem muitas políticas a serem implantadas.

Na Universidade, de maneira geral, uma creche que funcione de manhã, tarde e noite, atendendo a comunidade de forma geral com cotas para as docentes, discentes, técnicas e terceirizadas. Essa seria uma política importantíssima.

3.1 Suporte de atendimento as alunas dentro da universidade

A universidade UFMA, no campus situado na cidade de Grajaú por sua vez não tem uma estrutura adequada para receber os discentes, assim deixa a desejar com os alunos em geral, assim com as alunas mães, bem como indígenas, afrodescendentes e estudantes com deficiências.

O – Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) é um departamento instituído pela universidade, que por sua vez, sempre ressalta, no início de cada período, o direito que os alunos têm dentro do campus, projetos que podem participar, e auxílios que são oferecidos.

Convergindo com o compromisso assumido pelo Pnaes, o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio de 2014–2024, destaca a importância da assistência ao estudante de Ensino Superior entre suas metas. O Plano propõe a ampliação da política de AE como estratégia para a expansão do Ensino Superior brasileiro, objetivando a redução das desigualdades étnico-raciais e a ampliação das taxas de acesso e permanência na Educação Superior de estudantes egressos da escola pública, afrodescendentes e indígenas e de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, apoiando o seu processo de formação acadêmica (BRASIL, 2014. Pág. 157).

Art. 1o O Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, executado no âmbito do Ministério da Educação, tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal. (Decreto nº7.234). Esse programa é utilizado pela universidade do “Maranhão” que se preocupa com a formação desses estudantes.

O plano federal segundo o decreto 7.234, (2010), tem a finalidade de assegurar e dá suporte financeiro aos alunos de baixa renda, disponibilizando auxílios para jovens da educação superior, assim minimizando os efeitos da desigualdade. Visto que os auxílios oferecidos pela universidade focando não só em um único público, mas em ambos, o auxílio que é oferecido não só às alunas mães, mas aos pais também.

O NAE, ressalta o auxílio oferecido as alunas mães da universidade, como funciona esse auxílio e se realmente é focado nesse público.

Sim, existe um auxílio que é oferecido pela (PROAIS) que é chamada auxílio creche e ele é destinado não só para mães, mas para pais ou mães, ou alguém que tem a guarda de uma criança, mas um dos

critérios para que o auxílio seja concedido é que a criança tenha até seis anos de idade. Aí é um auxílio no valor de duzentos reais que a pessoa que tem essa guarda ou o pai ou mãe, e que é aluno da universidade e que tem uma criança de até seis anos recebe por doze meses. (Entrevista concedida a mim em 2022. Nae. 21 de outubro)

Ainda assim o plano tem uma falha com relação as alunas da universidade, o auxílio creche oferecido é uma ajuda, mas, ainda existe uma carência financeira desse grupo, pois o valor oferecido não arca com as despesas necessárias. Visto que muitas delas não trabalham, por conta das demandas do curso, que exige tempo para cumprir atividade curriculares.

Para que as mães possam estar presentes na educação superior, é preciso que se tenha apoio de outras políticas de incentivo, formando um conjunto de ações integradas para uma coparticipação de outros núcleos da sociedade, juntando esforços e contribuindo para o avanço dos estudos das mães estudantes. (SILVA; ALVES; CARVALHO. 2020. Pág. 46)

É importante salientar, que para a continuação desse público na universidade deve-se ter mais apoio por parte da universidade, além de bolsas e auxílios, é necessário criar mais programas que garantam sua permanência no ensino superior.

É possível observar, as alunas que são mães e fazem parte de um grupo dentro do campus, esse grupo para alcançar os objetivos de um bom desenvolvimento dentro da instituição, precisam enfrentar diariamente os desafios da separação de seus papéis, esses nos quais acabam sobrecarregando-as com a continuação ou conclusão do curso.

Sendo elas grávidas, lactantes, as que já são mães e as que viraram mães no decorrer do curso. Essas são as que fazem parte do grupo de minoria no campus, mas que não é observado.

Para se saber melhor a respeito de como funciona o diálogo dessas alunas com o departamento “Nae” foi direcionado algumas perguntas a entrevistada que esclarece na fala a seguir.

Geralmente a solicitação do afastamento das alunas para o período de puerpério, é bem flexível para realização das atividades, sendo que os casos de desistência ou trancamento do curso tem relação com alguns casos na maternidade ou na paternidade, em alguns casos a coordenação envia as demandas para o NAE quando não consegue resolver. Os casos de desistência ou trancamento do estágio em relação com a maternidade e/ou paternidade não foi observado. A

existência de alguma orientação institucional para tratar das demandas de alunas mães não foi passado até o momento não foi recebido nenhum comunicado. (Entrevista concedida a mim em 2022. Nae. 21 de outubro)

Com relação ao “Nae”, não se tem uma visão completa das alunas, em questão de quantas alunas que sejam mães no campus de “Grajaú”, mas é perceptível que a coordenação do campus presta apoio necessário aos alunos utilizando os suportes disponíveis pela universidade. O núcleo de assistência estudantil é muito importante no apoio aos discentes da universidade, ele é responsável por orientar todos que adentram o corpo estudantil.

“Outra dificuldade que a gente percebe isso aqui dentro do (NAE), isso é específico para as mães, aí já não vai para os pais, né? É quando ela tem o bebê. Porque aí quando ela tem o bebê, ela tem o direito a fazer as atividades dela em casa, né? E aí fazer as atividades de maneira domiciliar, mas isso acaba gerando às vezes, um, hum a mãe não sabe que tem esse direito às vezes então ela, às vezes pensa que precisa trancar o curso, aí ela vem aqui a gente explica que não, normalmente a gente conversa com os professores com a coordenação, e explica, né? E pelo que eu tenho percebido tem existido um bom diálogo. Nem uma mãe chegou aqui dizendo que um professor não quis passar as atividades ou que ela perdeu a disciplina ou perdeu o semestre porque um professor não conseguiu fazer essa concessão, né? Mas eu percebo que é isso, essa parte financeira e de com quem eu vou deixar meus filhos e essa parte do comecinho, né? De quando o bebê nasce, como é que ela vai encarar a vida acadêmica e conciliar com a maternidade”. (Entrevista concedida a mim em 2022. Nae.21 de outubro)

As dificuldades enfrentadas pelas discentes aumentam quando estão na condição de mães, pois a maternidade é uma demanda a mais que se soma a atividades acadêmicas e laborativas.

Segundo o autor Aquino (2009), em algumas situações as acadêmicas não têm um companheiro para dividir o cuidado dos filhos nem com o trabalho doméstico, e geralmente quando os parceiros participam desse cuidado, o papel da maternidade ainda pesa sobre elas, especialmente durante o período gestacional e de amamentação. Muitas alunas ao ingressar o ensino superior, já adentra como mãe na universidade, sempre estão à procura de melhoria financeira, para sua família.

Nesse sentido, é importante ressaltar a contribuição do parceiro na relação universidade/maternidade. Pois é um diferencial na vida dessa acadêmica mãe, o apoio familiar.

3.2 Uma breve relação social das discentes e corpo docente.

A função das universidades sempre teve seu conceito voltado para a produção de conhecimentos lógicos, autônomos e que servissem para a melhoria da vida das pessoas. Elas são sinônimas de construção de conhecimentos confiáveis e úteis, que visam o aumento da dignidade da vida, desenvolvimento civilizatório, aprofundamento dos valores democráticos e de elevação do humano (SOBRINHO, 2015).

Não se pode afirmar que os pilares das funções da universidade tenham mudado, todavia, sofreu alterações e adições em conjunto com a necessidade social da época em que se encontra. Na contemporaneidade, diante das muitas transformações que a sociedade enfrenta, são diversas as significações que a universidade recebe, podendo variar a depender da classe social em que o/a indivíduo/a que lhe atribui sentido se encontra, seu sexo, condição social, religião, ou outras condições específicas em que esteja inserido/a, neste caso vamos considerar a maternidade como condição (AGUIAR *et al.*, 2019).

As modificações que a universidade sofreu ao longo do tempo foram forjadas com vistas a melhorar e facilitar o desempenho das funções acadêmicas do público diversificado que ela acolhe.

Quando as alunas foram questionadas sobre o discurso de inclusão que a universidade prega, as respostas mais comuns foram de que não se sentem, enquanto mulheres que são mães, esposas, donas de casa ou trabalhadoras, acolhidas por esse espaço, em virtude de não verem nenhuma mobilização da universidade para auxiliá-las em suas demandas: a universidade não dá condições para a permanência das mulheres mães (AGUIAR *et al.*, 2019).

Considerando as singularidades do ofício materno, pode-se citar que a maternidade em si não permite a divisão igualitária do trabalho entre os sexos, pelo menos não nos primeiros meses de vida da criança, visto que é desigual desde a gestação até o período de amamentação.

Assim, ponderando sobre o fato de ser uma situação na qual muitas vezes a mãe não tem alternativa a não ser levar a criança consigo para o meio acadêmico, e ainda analisando os espaços físicos do Campus universitários, fica fácil afirmar que o local não está preparado para o recebimento de mulheres nessa situação, já que faltam ambientes e estruturas adequadas para que essa inclusão seja real (AGUIAR *et al.*, 2019).

De todo modo, o que é comum na fala de quase todos/as os envolvidos/as na pesquisa é que afirmam ser necessário expor as fragilidades que a universidade possui, pois só assim ela buscará resolvê-las, uma vez que é somente em decorrência da pressão das classes menos privilegiadas pela aquisição de seus direitos que as mudanças acontecem, não importando o contexto.

Observando a universidade como um todo, uma questão deve ser analisada com critério, é a relação entre docentes e discentes, pois, configura-se um fator a ser observado. Diante disso, é relevante acontecer um bom diálogo, assim como um bom despenho tanto do aluno como da universidade. Desta forma, essa relação com as discentes é de grande importância, sendo um suporte de amparo para muitas, que as vezes não tem fora do campus.

Sabe-se que as dificuldades das mães universitárias são grandes fora da faculdade, por diversos motivos, com isso, o apoio dos docentes diante dessa situação é de suma importância para essas mães, a fim de amenizar os inúmeros desafios.

Nas falas a seguir, pode-se observar alguns relatos dos docentes, onde foi direcionado perguntas, como lidavam com a presença da criança em sala, se a criança incomodava a turma, e o que deveria ter na universidade para acolher mais as alunas mães do campus? Foram perguntas que a entrevistada recebeu, respondeu bem claramente, e percebemos na fala da entrevistada a falta de suporte estrutural no campus de Grajaú.

“Bom, com maior tranquilidade, até porque embora alguns alunos falem alto, mas fica dependendo da idade, se vai percorrem pela sala ou não, mas eles não atrapalham e a gente tem que entender. Não me incomoda não, mas eu acho que tinha que ter um espaço né, é ruim é para as crianças, mas incomoda mais as crianças do que a gente.” (Entrevista concedida a mim em 2022. Professora R, 27 de outubro)

A Universidade Federal do Maranhão, no campus de Grajaú, não tem um espaço físico específico, e nem de materiais adequado, como brinquedos e livros entre outras coisas infantis para acomodar as crianças das mães universitárias. Caso ocorra alguma emergência com essas crianças, a universidade não possui nenhum recurso para tal situação. Nem os alunos, nem tão pouco os professores possuem algo para amenizar ou entreter a situação com os filhos pequenos, esse problema é muito frequente e recorrente no campus.

A entrevistada a seguir traz em sua fala, um episódio vivenciado por muitas mulheres que tem filhos pequenos, mas que ainda percorre o caminho de estudante, a sua fala é a resposta de algumas perguntas direcionada especificamente as mães estudantes. Com quem você deixa seu(s) filho(s) quando vem para a universidade? Quais as principais dificuldades que você enfrenta no cotidiano da universidade? foi umas das perguntas direcionada a aluna, que relatou com palavras bem

Bom, assim que entrei na universidade precisei muito de trazer meu filho, mas não tinha um espaço, não tinha onde deixar meu filho no campus, deixava ele com o pai, assim eu podia vim sem que me preocupasse, mas a universidade deveria ter um espaço adequado para crianças. (Entrevista concedida em 2022, aluna S 6º período)

A aluna (S) relata que em várias situações já precisou levar o seu filho, mas que se sentia insegura para levar, no que se refere a questão do espaço adequado e ao foco nos estudos, tendo em vista, que a universidade poderia ajudar nessa área, proporcionando um ambiente especial tanto às alunas quanto pais e professores se precisarem desse suporte, como uma brinquedoteca.

Eu vejo que deveria ter um local adequado no campus, tipo um cantinho ali reservado só para eles. com brinquedos, e coisas que eles gostem, e a meu ver a estrutura ainda deixa muito a desejar, deveria se importar mais, com esse tipo de situação, como com o cantinho reservado para eles. (Entrevista concedida a mim no ano 2022, aluna R 7º período)

A aluna “R” também relata a falta de um espaço adequado no campus, algo que iria beneficiar todos os que frequentam a universidade no campus de Grajaú Ressalta um cantinho infantil para crianças visto que na Universidade ainda não tem, pensando assim não é um local para o público infantil, mas é necessário incluí-los, pois, as pessoas que frequentam esse espaço nem sempre tem com quem deixar.

Por isso é importante que os profissionais estejam a disposição para ajudar a construir caminhos que possam alcançar a política estudantil, com diálogos, palestras, e projetos, onde terão que trabalhar juntamente com as alunas.

No entanto o entrevistado a seguir respondeu as seguintes perguntas, como você lida com a presença filhos das alunas em sala? O que deveria ter na universidade a esse grupo de alunas? Questões essas que foi respondida pelo professor L.

Bom, com maior tranquilidade, até porque embora alguns alunos falem mais alto, mas é uma questão que fica a dependendo da idade, por mais que fiquem percorrendo pela sala, mas eles não atrapalham e a gente tem que entender. Então as universidades federais elas necessitam bem como as estaduais necessitam de creches para essas mães para todos os turnos, não só do turno manhã, à tarde, bem como também ou à noite. Existe alguma demanda de discentes ligada à maternidade? Tem demanda, só que essa demanda é uma demanda que não aparece. Eles chamam-se demanda reprimida e não aparece. (Entrevista concedida a mim no ano 2022. Professor L, 24 de outubro)

Fica bem perceptivo essa falta de um espaço onde todos frisam a falta desse suporte. O professor L deixa evidente que essa ideia de um local adequando seria de muita utilidade, assim não seria uma inconveniência, durante sua aula. Portanto mesmo que não prejudique sua exposição, mas atrapalha indiretamente no desenvolvimento da mãe nos estudos, pois a discente sempre irá se distrair com a criança.

Continuando na fala do entrevistado que responde as seguintes questões, você consegue perceber se há diferença de desempenho das alunas mães? É ainda ressalta as suas dificuldades na visão como docente

HÁ diferença, as mães alunas elas têm baixo desempenho, a gente sabe disso, até por quê, elas têm uma situação pesada, tem umas que trabalham cuidam da casa e cuidam dos filhos. Tem umas que embora não trabalhem, mas elas cuidam da casa, do filho e de outras situações e ainda tem que estudar né, para as provas, para os seminários e ler

os textos, e fazer as atividades. Então, a carga horária é muito pesada e elas tem baixo desempenho, porque elas não dão conta de fazer isso, como demonstra nas alunas que orientei, que tinham filhos pequenos tinham maior dificuldade de se concentrar e de ler, de fazer os seus trabalhos, elas terminaram, mas demoraram muito, uma vez que elas têm essa carga horária maior pois seu tempo é para cuidar das crianças. (Entrevista concedida a mim no ano 2022. Professor L, 24 de outubro)

É possível observar na fala do professor L que há diferença de desempenho entre outros alunos, a estudante enquanto mãe fica com as notas a desejar, sem o tempo de dedicação necessário aos estudos, acaba ficando para trás. Isso é retratado na fala do professor L que diz que afeta no término do curso, podendo demorar mais do que regular.

Vemos que todo esse processo de conciliação se torna algo doloroso e cansativo psicologicamente e fisicamente a essa aluna. Nestas divisões e concliamento de tarefas, virando uma rotina repetitiva e cansativa para essas acadêmicas.

No trabalho dos autores Moraes *et al.* (2019), realizado na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Campus Pedra Branca, Palhoça-SC, mostrou resultados diferenciados, no que se refere ao apoio universitário.

Aconteceu rede de apoio dentro da Universidade, sendo os professores, colegas de classe e coordenadores do curso. Algumas destas mães afirmaram que tinham apoio dentro da Universidade, de coordenadores dos cursos que auxiliaram na hora de montar o plano de estudo, definindo a melhor forma de continuar no semestre sem prejudicar o momento puerperal e o aleitamento materno usufruindo-se ou não da licença maternidade. Tal como, as turmas com essas mães matriculadas foram organizadas preferencialmente com salas no andar térreo, para facilitar o acesso com materiais e carrinhos de bebê.

Foi relatado também, o auxílio de muitos professores que facilitaram a vinda destas mães à sala de aula, sendo acolhedores, compreensivos e possibilitando realizar trabalhos e provas em casa, da mesma forma que alguns professores aceitaram estas alunas como voluntárias para assistir algumas aulas aleatórias. Houve algumas entrevistadas que mencionaram a suma importância do amparo que tiveram de colegas de classe, que foram de grande auxílio,

ajudando em trabalhos, provas e até mesmo tomando conta da criança na hora da mãe apresentar seminários (MORAES *et al.*, 2019),

Em outubro de 2019, foi inaugurado a Sala de Apoio à Amamentação na instituição, que oferece ao ser-mãe graduanda um espaço privado para a amamentação ou para ordenha e armazenamento do leite materno. Entretanto, a maioria das universitárias ainda não conhecem esse benefício pela recente instalação, até o momento, apenas uma mãe entrevistada conseguiu usufruir deste benefício.

3.3 A maternidade e o autocuidado de si

Outro ponto que deve ser explanado na discussão, se refere ao autocuidado com a mãe. Esse fato é ignorado por muitas, em virtude das inúmeras responsabilidades.

Sabe-se que a vivência de ser mãe transfaz a mulher nos âmbitos psicológico, mental e físico. O cotidiano, estilo de vida e cobrança perante a sociedade, são fatores que influenciam sua vida. Gerar um ser humano pode até parecer um processo natural do corpo feminino, mas ser mãe está longe de ser natural, dado que é um processo paulatino de assimilações estéticas, psíquicas e emocionais. Desde a descoberta da gravidez, até o nascimento e o pós-nascimento, um turbilhão de momentos e sensações são vividos. Logo, a vida da mulher é transformada, independentemente se a gravidez é de cunho planejado ou não (TAUIL, 2019).

Por conta da maternidade, muitas mães acabam negligenciando o autocuidado. Essa sobrecarga resulta em poucas horas de sono, alimentação inadequada, ansiedade, pouco tempo para dar atenção e cuidado para uma criança que está em fase de desenvolvimento. Criança sente falta da mãe, cobra presença, tempo e dedicação, “Falta de tempo para realizar todas as demandas” o que pode resultar em notas baixas, reprovações, desistências e jubilações (SOARES *et al.*, 2013).

Essa é a realidade de várias mães que escolhem seguir esse caminho cheio de dificuldades. Na qual, o seu autocuidado é deixado por último

nas demandas do dia a dia, ocasionando, desta forma o desenvolvimento de algum tipo de doença mental, como por exemplo, a ansiedade.

Dados semelhantes com essa pesquisa, foram encontrados na pesquisa do escrito de Moraes *et al* (2019), quando as conversas revelam desafios da maternidade durante a graduação que consequentemente resultaram na escolha entre a dedicação à maternidade ou a dedicação à vida acadêmica. Bem como, demonstraram sentimentos, situações e necessidade que ocasionaram o desenvolvimento de problemas físicos e psicoemocionais.

Na pesquisa de Moraes (2019) houve relatos em que estas mães não conseguiam realizar tudo, eram constantemente cobradas por estarem estudando, por passar tempo demais na Universidade, levando ao distanciamento do filho, pois quando chegam em casa ele já está dormindo e ressaltam como se sentiam/sentem sobrecarregadas do ser-mãe, graduanda, trabalhadora e dona de casa, correlacionando o (des.) apoio em divisão de tarefas em casa, junto com o (des.) apoio universitário.

Silva e Guedes (2020), apontam a urgência na adoção de algumas medidas para reduzir as barreiras que dificultam e/ou impedem que as discentes mães concluam seu curso de graduação. A universidade representa o ator principal na adoção dessas medidas, como a criação e destinação de sala específica para amamentação e cuidados básicos com as crianças, com condições de limpeza adequadas e disponível a estudantes de todos os cursos; a flexibilidade nos horários das aulas.

Além disso, a preferência/prioridade na matrícula em disciplinas; a sensibilização da comunidade acadêmica, por meio de ações que promovam o respeito às estudantes e às crianças; debates acerca das condições das estudantes mães e cuidadoras, a fim de propor novas estratégias; a instalação de fraldários; a criação de um sistema de dados que verifique e acompanhe a permanência de estudantes mães; Poderiam ter prioridade na distribuição das bolsas e a desburocratização do processo de trancamento justificado.

Além do mais, fomentar o debate sobre essas questões discutidas, podem muitas vezes ser um instrumento de fortalecimento das mães que se

deparam constantemente com tantas barreiras e empecilhos, quando persistem na difícil tarefa de conciliar a maternidade com a universidade.

Segundo Saalfeld (2019), aponta que a saúde mental é de grande importância dentro do campus, sendo assim uma questão política bastante discutida pelos profissionais que se preocupam com essa transição e divisão dos papéis que as discentes e os demais alunos enfrentam no seu cotidiano.

O departamento psicológico da universidade ressalta que questões ligadas à maternidade não ficam claras nas demandas de alunas mães, mas quando inicia o protocolo, descobre toda uma relação de mãe esposa e acadêmica, essa sobrecarga que as discentes carregam afeta a vida acadêmica de muitas delas.

Por isso foi direcionado a esse departamento perguntas nas quais pode deixar claro a questão da procura de apoio psicológico da parte das alunas mães e qual o fator da procura desse departamento, e se tem a ver com as alunas mães?

Não exatamente na questão da maternidade, mas existem dificuldades em relação a essas questões de lidar com a universidade. E nessa questão, que não só as alunas mães, mas as outras alunas também vêm procurar com essa mesma demanda, quando a gente vai fazer todo um acompanhamento aí que a gente vê que tem uma família ali. Que tem uma carga extra ali que ela tem que cuidar do marido, tem que cuidar do filho, ela tem que deixar a casa dela arrumada, ela tem que estar cuidando dela mesma que está aqui na UFMA e às vezes tendo que trabalhar. Muitas das mães que eu vejo pelo menos que eu tive contato elas que cuidam dos filhos. (Entrevista concedida a mim no ano 2022. Psicóloga, 25 de outubro)

Por isso o vínculo do corpo docente juntamente com os estudantes esteja sempre presente, pois é através dele que se sabe como está o andamento do curso e o controle de como está se passando o aluno, a saúde mental é uma questão política, mas muitas deixam de lado com tanta correria.

A fala da entrevistada a seguir corresponde a seguinte pergunta: A universidade oferece algum suporte as alunas mães? Você consegue perceber se maternidade afeta as alunas de alguma forma?

Afeta nessa questão de elas se sentirem sobrecarregadas, é uma questão de cuidar dos filhos, cuidar do marido, ter que estudar, ter que às vezes tem outras atividades também para ganhar uma renda extra. A universidade oferece suporte às discentes mães, eu só conheço duas coisas, o acompanhamento que a gente pode fazer na questão psicológica mesmo de orientação mais de comportamento, de

organização e tem uma bolsa da assistência estudantil que é auxílio creche. Que é “A” que cuida disso na assistência social. (Entrevista concedida a mim no ano 2022. Psicóloga, 25 de outubro)

Portanto, é evidente que as discentes, mesmo sendo sobrecarregada, acabam esquecendo que tem um suporte disponível a elas, o cuidado com a mente e o físico é bem crucial para o equilíbrio dessa conciliação de dois papéis.

O cuidado de si na conciliação desses papéis é muito importante para as alunas, mas em meio a tantos afazeres muitas esquecem de se priorizar, cuidar da mente para estabelecer controle das tarefas diárias é crucial para o um bom desempenho na organização de horário e funcionamento diário da distribuição dos afazeres de ambas as tarefas.

Segundo Foucault (1985) o cuidado de si abrange técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem operações em seus próprios corpos, em suas almas, em seus pensamentos e condutas de tal modo que isto os transformem e os modifiquem, com a finalidade de alcançarem certo estado de perfeição ou felicidade. (BITENCOURT. 2019.Pg.267)

Foucault ressalta um ponto muito importante que podemos utilizar para pensar a vida das alunas, que é o cuidado de si, tanto psicológico quanto físico. Com a vida corrida, cheia de tarefas muitas alunas que dividem maternidade com a vida acadêmica, acabam deixando de lado o cuidado do corpo e da mente.

As mudanças de hábito como alimentação saudável, práticas de atividades físicas e relaxamento do corpo entre outras atividades é muito importante para o bem-estar, mas acaba ficando de lado, devido o tempo entre cumprir com cuidado dos filhos, as atividades acadêmicas e outros trabalhos para a renda familiar.

“O século XIX é, conseqüentemente, um importante marco na origem de uma ‘nova mulher’: educadora, mãe, criadora da sociedade futura. Passou a esperar-se uma quase onipotência por parte da mulher” (Correia, 1998, p.4).

Sendo assim, o impacto psicológico se torna maior devido as cobranças imposta pela sociedade e pela própria mulher, que desempenha vários papéis sociais e esquece da sua subjetividade e necessidades.

A resposta a seguir foi direcionada a docente R sobre a seguinte pergunta. Você consegue identificar se a alguma diferença de desempenho nas alunas mães? Quais diferenças?

Eu sei, como eu sou mãe, posso falar com propriedade no assunto. A gente mesmo que não queira fazer uma diferenciação entre um aluno e outro, mas eu sou mãe e eu sei que a gente não consegue desenvolver um trabalho, ou então mesmo estudar da mesma forma que quando a gente não tem filho ainda é porque a gente tem que dar atenção muito para os filhos primeiro, mais do que para gente ainda mais. (Entrevista concedida a mim no ano 2022. Professora R, 27 de outubro)

Na fala da professora enquanto profissional e mãe, sabe bem a realidade de ser estudante e mãe, por mais que a alunas se esforce o máximo sempre terá prioridades que é o filho, independentemente da idade haverá desafios diários para lidar, com isso vai ficando de lado o cuidado consigo mesma, não muito distante com vida das mulheres que são mães e profissionais que prestam trabalho na universidade, todas têm seus desafios diários para se impor contra eles, de forma positiva.

Ao mesmo tempo que se sentem cobradas e cansadas, são motivadas a dar continuidade a formação acadêmica por pensarem no futuro de seus filhos, se sentem fortes e orgulhosas de suas decisões de dar continuidade ao curso mesmo diante de tantos desafios.

4 COMPREENDER A DIVERSIDADE DAS MÃES AO LONGO DO CURSO, CORRELACIONADO A VIDA ACADÊMICA JUNTAMENTE COM A VIDA PESSOAL.

Ser mãe acadêmica é o desafio vivenciado por centenas de mulheres no Brasil. Histórias que se cruzam em meio ao conflito de estudar, trabalhar, cuidar dos filhos, das atividades dos filhos, da casa, da família, não necessariamente nessa ordem (TAUIL, 2019).

A maternidade traz à tona desafios na vida das mulheres, mediados pela pressão da sociedade, a partir de determinados modelos culturais que rotulam o ser mulher e mãe. São campanhas de saúde que abordam o cuidado

exclusivo ao/à filho/a, à mulher sem pensar nas questões de trabalho. A maternidade acaba por assumir um perfil de projeto de vida, sem levar em consideração os contextos nos quais as mulheres estão inseridas (SAALFELD, 2019).

Compreende-se que a mulher sendo mãe, já enfrenta diversos desafios envolvendo a maternidade, sem considerar os desafios com a sua vida como mulher. Com isso, entende-se que as mulheres que escolhem serem mães e universitárias ao mesmo tempo, estão diante de inúmeras barreiras que serão enfrentadas em virtude do caminho escolhido.

Diante disso, muitas alunas do campus ao entrar na universidade estão cientes de que terão um grande desafio pela frente. Abordando esse contexto, a fala de algumas das alunas remete muito ao cenário da mãe universitária e mostrará como é esse desafio do dia a dia.

Bom, as dificuldades são muitas né? Podemos citar uma delas é a questão de conciliar as atividades da universidade com o com a as tarefas diárias de casa, porque às vezes não dá tempo, às vezes a criança adocece, às vezes você tá estressada, você tá desanimada, que tem isso, às vezes a gente se sente, sei lá, eu vou desistir, eu mesmo como mãe de duas criança, eu já várias vezes já disse assim pra mim mesmo, meu Deus do céu, eu vou desistir, eu não aguento mais, eu não vou conseguir concluir esse curso e aí sempre alguém né me diz olha não desiste não desiste sei que está difícil, mas não desiste, tem dificuldade tem mais só vence quem não desiste, é às vezes a carga horária é muito grande assim de atividade, tarefa de é tanta coisa que eu mesma me digo meu Deus não vou dar conta, mas sempre a gente encontra as forças para que não venha desistir, mas a vida acadêmica não é fácil pra conciliar com a vida de mãe solo e com a universidade (Entrevista concedida a mim no ano de 2022. aluna. M, 7º período)

Segundo as alunas, ao ressaltarem a sua vida diária, percebemos que em alguns momentos ela ainda pensa na desistência do curso devido a carga de leitura e atividades ser bastante extensa, sendo mãe “solo” e tendo dois filhos para se responsabilizar, acaba sendo bem exaustivo, uma rotina bastante vivenciada pelas discentes da universidade pesquisada.

Visto isso, observou-se várias alunas que vivenciam esse contexto de cuidar dos filhos e continuar com os estudos, mesmo assim, observamos uma

responsabilidade imposta a mulher apenas, e não ao pai, seu companheiro, sendo que ambos têm um dever de cuidar do filho.

Seja pela falta de suporte familiar, questão financeira ou outro motivo, essa atitude já demonstra uma grande desvantagem sofrida pelas mulheres no contexto universitário (SAALFELD, 2019).

Segundo os autores Urpia e Sampaio (2009), essa interrupção na carreira e seu retorno geralmente acontecem com dificuldades. Para que esta retomada aos estudos aconteça, a mulher precisa, geralmente, de uma rede de apoio ao seu redor em que possa contar, principalmente, no cuidado com a criança. A presença do pai, de familiares ou de uma pessoa com quem divide os cuidados, é fundamental para esta retomada, ainda mais quando a criança é pequena.

A entrevistada discente responde perguntas que foram direcionada a mesma, com quem deixa o filho, como você concilia seu tempo, você recebe apoio familiar, o que acha que deveria ter no campus para alunas mães?

Para mim é não fica tão puxado, faço somente duas matérias por semana, pois assim não tão puxado os horários, minha família ajuda, mesmo sendo mãe solo, minha mãe e meus irmãos ficam com meu filho, as atividades da universidade faço logo após que chego do curso, meu filho já estará dormindo, e quando eu tiro um tempo para estudar as matérias do curso. (Entrevista concedida a mim no ano de 2022. aluna. T,6º período)

É interessante notar, que a família se constitui suporte fundamental para vivência desta experiência, quando está se constitui como uma rede de suporte consolidada. Estas pessoas tecem com as jovens mães os primeiros fios construindo redes de significados, partilhados e conflitantes, ancoradas em experiências que transitam da cumplicidade aos conflitos e tensões (GOMES, 2020).

Observa-se o caso da aluna “T” que tem o apoio familiar não conjugal, é interessante notar que as alunas na grande maioria da universidade são mães solteiras, que enfrentam uma jornada sem suporte paternal da parte do filho.

Fica evidente que mesmo com a ajuda, as disciplinas obrigatórias do período ficam a desejar, pois opta por fazer menos matérias possíveis para não

sobrecarregar com as inúmeras funções, porém, isso atrasa a conclusão do curso.

Diante das descrições acima citadas, é notório os diversos desafios enfrentados pelas mães universitárias, tantas aquelas que já estão no campo de ensino, como para aquelas que iram retornar aos estudos após a licença materna. Como foi mencionado, a rede de apoio é fundamental nesse novo cenário da mãe, na qual, é quase que impossível conseguir conciliar os dois mundos sem essa rede de apoio necessária a esta mãe universitária.

A percepção do apoio também é fundamental para a adequação do papel materno em relação ao filho, as redes de apoio se tornam fundamentais, já que as famílias de origem ficam distantes ou estão ainda inseridas no mercado de trabalho (DESSEN; BRAZ, 2000).

Entendendo que rede de apoio é diferente de ajudar, ela é formada por vínculos e está “ali” sempre que a mãe precisar e acima de tudo, a rede de apoio é essencial em todas as fases.

Independente da fase, a mãe precisa ter por perto pessoas que a deixem mais segura, que não julguem suas decisões e que a ajudem a viver uma maternidade mais feliz e tranquila.

A maioria das estudantes nem sempre tem um apoio, mas olham para seus filhos com um olhar de encorajamento para prosseguir seus sonhos, superando diariamente seus obstáculos, mas que também um apoio para prosseguir é muito importante. Sendo assim, para muitas os filhos são uma motivação para a sua conquista.

Bom, por enquanto estou tentando conciliar meu trabalho, a faculdade e meu filho, para mim é um pouco complicado porque meu filho é pequeno, mas é meu sonho ter o curso superior, trabalho pela manhã, meu filho fica com minha mãe, quando eu chego fico com ele e depois vou para a faculdade e só vejo ele novamente quando chego a noite.
(Entrevista concedida a mim em 2022, aluna S 6º período)

No caso da aluna "S" por mais que seja difícil sua batalha diária, em meio a tantas dificuldades, ainda sim está à procura do seu sonho, pois seu filho não é uma carga, mais sim uma motivação.

Desse modo, as redes de apoio são uma das possíveis maneiras de conciliar as demandas do ser mãe com a vida acadêmica da mulher, uma vez que, a universidade, segundo as mães estudantes, se posiciona de forma apática frente as suas necessidades e especificidades (YANNOULAS, 2007).

Desta forma, a criança se adapta a rotina escolar da mãe, devido os dois, de certa forma se conectam e compartilham momentos importantes da vida, o filho com seu desenvolvimento infantil e a mãe com seu desenvolvimento profissional, assim ambos compartilham suas etapas da vida.

A aluna “R” relata que sempre leva suas filhas para a universidade, pois não tem com quem deixar, suas filhas ficam no campus, enquanto ela está em sala, mas que também não prejudica a aula, segundo a aluna relata um ponto importante que todas as alunas que foram entrevistadas relataram esse ponto crucial percebido no campus.

Deveria ter um espaço recreativo de lazer para nossas crianças para não ficar dentro das salas de aulas, e nem no pátio um lugar só para eles como uma creche universitária, a coordenação poderia providenciar um local assim, isso ia melhorar não só para nós alunas, mas também para os professores que tivessem filhos pequenos que possa estar por perto. (Entrevista concedida a mim em 2022, aluna. R.6º período)

A fala da aluna é um fator visto por todos que frequenta o campus, a falta de um espaço recreativo no campus da UFMA de Grajaú Esse espaço beneficiaria a todos, provendo, benefícios ao corpo docente e discentes. Tal assunto, já foi explanado anteriormente.

4.1 A discriminação as discentes no âmbito acadêmico

Um ponto ainda debatido em pleno século XXI, é o preconceito com as mulheres que escolhem não serem exclusivas do lar. Apesar dos numerosos debates com essa temática, as conquistas da mulher no mercado de trabalho e no lar, ainda sim, existe esse preconceito com as mães que escolhem terem uma carreira profissional, ou até mesmo, somente uma formação universitária.

O preconceito não surge necessariamente da família, mas também pode surgir a partir do ambiente acadêmico, olhares curiosos, apontamentos e julgamentos às mulheres que ao serem descobertas mães, podem vir a sofrer, principalmente quando precisam deixar a criança para estudar. Em vários aspectos no imaginário social, no geral, existe a incompatibilidade entre a formação acadêmica e a maternidade, os seus tempos são dissociáveis.

Quando eu estava grávida eu percebia olhares estranhos para mim, pois uma aluna grávida no meio de tantos, me senti constrangida, mas eu relevei, mas assim ainda fico constrangida as vezes por ser mãe e está na faculdade. (Entrevista concedida a mim em 2022, aluna S 5º período)

A aluna “S” retrata um receio de ser mãe e está no meio universitário, onde ela já relatou um problema de preconceito, porém, ela deixa retratado que até esse dilema, ela enfrenta sem que possa lhe fazer a desistir do seu sonho. Portando é um fato triste, ao notar, que mesmo atualmente, com toda evolução da mulher, ainda em uma universidade tem olhares que digam onde você deve estar ou o que deve fazer. São relatos estes, que nos leva a questionar como os espaços públicos não são construídos para acolher as mulheres

Nos depoimentos do estudo de Gomes (2020), as participantes enfrentam um problema pelos quais muitas outras mães estudantes passam. Elas afirmaram que enfrentam discriminação na carreira acadêmica, em dados momentos, não só por parte dos seus colegas, mas experiências isoladas de duas das entrevistadas demonstram esse ato de desencorajamento, descrença na possibilidade de conciliação de ambos os papéis.

Esse fato acontece em virtude de muitas pessoas não aceitarem que uma mulher lute pelos seus objetivos de vida, por uma carreira profissional, apesar das dificuldades, existente, muitos ainda rotulam a mulher exclusivamente ao lar e a maternidade.

Numa sociedade de valores patriarcais, estruturada em torno de um processo histórico de dominação masculina e subordinação feminina, a universidade expressa, ao longo de sua história, um movimento inequívoco de

discriminação de gênero. Se inicialmente, a discriminação de gênero se dava por meio do difícil ingresso das mulheres ao ambiente acadêmico, marcadamente masculino durante séculos, hoje, essa discriminação segue outras direções, tais como as citadas (YANNOULAS, 2007).

Infelizmente essa é a realidade de muitas universitárias mães dentro do campo de estudo, o preconceito vem até mesmo de quem deveria encorajar e estimular. Muitas discentes ao se tornarem mães, ficam um pouco reprimidas de estarem em lugares onde as crianças não deveriam estar.

Quando uma mulher se presta a ser mãe e estudar ela vai se organizar dentro das possibilidades dela para exercer ambos os papéis. Por diversas vezes a sociedade em geral subestima a capacidade das mulheres de exercerem diversificados papéis. As mães entrevistadas têm todas essas sensações, mas responderam também que o que as motiva passar por tudo isso é ter a perspectiva da conclusão do ensino superior (GOMES, 2020).

O preconceito e julgamento que essas mães sofrem devem ser acompanhados por algum profissional, pois a possibilidade de desenvolverem algum tipo de doença mental como exemplo a depressão ou ansiedade, é enorme. Visto que, já é difícil para elas estarem vivenciando essa realidade, o julgamento e preconceito acabam deixando-as ainda mais apreensivas diante da situação.

Sabe-se ainda que existem outros marcadores que segregam severamente a vida das mulheres, como as questões étnico-raciais e os novos arranjos familiares. São mães solteiras, de produção independente, casadas com guarda compartilhada, lésbicas, bissexuais, transexuais, adotivas e tantas outras rotulações que são dadas a essas mulheres.

Portanto, ao serem pensadas políticas de inserção/permanência na Universidade, não podem ser excluídas dessa discussão as questões socioeconômicas, étnico-raciais, identidade de gênero e sexuais, que perpassam a trajetória de vida das estudantes que são mães, considerando as especificidades apresentadas por este grupo social (SAALFELD, 2019).

Urpia e Sampaio (2009), mostram que a condição de mãe e acadêmica torna essas mulheres mais vulneráveis e em desvantagens quanto ao seu desempenho.

Desse modo, as políticas que pretendem funcionar como ações facilitadoras da permanência dos estudantes, não podem deixar de incluir e reconhecer as mulheres como grupo social em desvantagem de permanência ou desempenho, quando na condição de mães. Este aspecto é de fundamental importância para inclusão de pautas voltadas para o conjunto da população universitária feminina, e que possam contribuir, por exemplo, para dar visibilidade às demandas das estudantes que se tornam mães no percurso da formação superior (URPIA; SAMPAIO, 2009, p.164).

Assim, estas mães se tornam muitas vezes invisíveis no ambiente universitário, tanto aquelas que já possuem filhos/as, quanto àquelas que se tornam mães no percurso acadêmico, e que necessitam de atenção neste novo momento que passarão a viver, para que possam ser amparadas na Universidade (SAALFELD, 2019).

Da mesma forma que, para as mães-estudantes, enquanto ainda houver estruturas calcadas no racismo, capitalismo e patriarcado, outras identidades continuarão sofrendo exclusão do processo de ensino em todas as etapas, sejam de gênero, como ocorre com pessoas trans e travestis, bem como pessoas de diferentes identidades sexuais, culturais, de raça, classe, pessoas com deficiência.

4.2 A maternidade universitária enquanto debate docente

Faz-se necessário ressaltar que a pauta das mães universitárias deve fazer parte das discussões no ambiente acadêmico, não somente por parte da gestão da Universidade, como também entre os/as docentes, para que se sensibilizem com as estudantes que são mães e que necessitam trazer o/a filho/a para as aulas, quando necessário (SAALFELD, 2019)

Observamos que esse assunto ainda não foi resolvido no campus da UFMA de Grajaú, sendo ainda uma discussão para ser debatido entre o corpo docente, todavia, é possível observar a boa relação entre aluno e professor.

Poxa se a universidade se preocupasse com essa questão das discentes mães, se colocasse essa questão como prioridade, e pelo que a gente está conversando aqui entre uma entrevista e outra pergunta. Como coordenador, como docente, se essa questão fosse encarada com urgência, como é a questão da alimentação, do transporte e das bolsas, né, de assistência estudantil, eu acho que a situação a gente provavelmente teria menos casos de evasão, no nosso curso se a gente também constituísse não só as famílias esses

estudantes dependessem da sua rede familiar, mas que nós aqui também pudéssemos acolher essas estudantes que tem filhos pequenos. Eu acho que isso é um direito fundamental e a universidade precisa assumir esse papel também. (Entrevista concedida a mim em 2022, professor M, 25 de outubro)

Como na fala do professor M, que ressalta o direito que as discentes enquanto mãe deve ter em uma universidade, como o direito de creche universitária, essa é uma falha no direito de inclusão adequada a esse grupo de alunas enquanto mães.

Olhamos que é de extrema importância na vida dessas mães, pois assim a universidade conheceria realidade das dificuldades que elas passam e as necessidades delas, transformando o cenário dessas mães no campo de estudo. Além disso, esse fato incentivaria outras mães a ingressarem em uma universidade.

Visto que na cidade de Grajaú tem um número bem relativo de mulheres que se tornam mães enquanto são jovens, é importante ressaltar que o público-alvo e as pessoas que moram na cidade onde o campus reside, por isso ele deve ser adequado à população.

Conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica em uma sociedade onde a responsabilidade sobre os filhos costuma recair sobre as mulheres é um desafio que transcende as questões acadêmicas. Existe uma cobrança da própria universidade por bons rendimentos acadêmicos e existe um peso do que é ser mãe, ancorado nas projeções e expectativas que a nossa sociedade lança sobre a maternidade (URPIA, 2009)

Pois é nessa pauta que muitas alunas se questionam na universidade com seus dilemas diários de dar conta do seu dever, como estudantes, e como mãe Será se está certo o que estou fazendo? Ou estou sendo insuficiente? E muito questionamento deixado por elas mesmas, para saber se estão fazendo seus papéis de forma correta, se preocupando com que a sociedade irá pensar dela nesse momento de jogo de papéis.

De acordo, com os autores citados, as novas mães necessitam ser ouvidas na universidade, quanto as suas demandas com seus filhos, havendo dessa forma a necessidade uma rede de apoio no campo universitário. Ou como já foi mencionado, elas participarem do corpo político da universidade.

Tornar-se mãe no contexto acadêmico traz inúmeras questões. Tenciona agregar o contexto acadêmico, a realidade de mulheres que em sua grande maioria são jovens em situação de dependência total ou parcial de suas famílias de origem, a condição de mães universitárias (URPIA, 2009).

Nesse caso as entrevistadas também estão relacionadas com dependência total de suas famílias, jovens essas que engravidaram na adolescência ou foram deixadas por seus parceiros do decorrer da caminhada.

Quando essas mães têm dependência financeira familiar de forma total ou parcial, há uma agregação a mais sobre os obstáculos frente ao cenário, “mãe versus universitária”, visto que a criança necessita de amparo de bens materiais e a universidade também tem seus gastos rotineiros. Posto isso, muitas acabam não conciliando essa realidade. Por outro lado, outras usam essa realidade como incentivo para prosseguirem ainda mais no estudo, a fim de obterem uma carreira e ganhar sua independência financeira.

Em Consonância, pode-se destacar também nas dificuldades encontradas por parte das mães/universitárias ao tentar conciliar a maternidade com a vida acadêmica, a vida financeira, como já foi reportado.

Nesse sentido, percebe-se que a maioria das entrevistadas destacam a vida financeira e a falta de tempo com um dos principais obstáculos para conciliar os estudos e a maternidade, algo compreensível se for levado em conta o tempo na universidade e as tarefas domésticas, assim como, a maternidade que ocupa bastante tempo dessas mulheres (PICCININI *et al.*, 2008).

As entrevistadas relatam que sempre fazem o possível para prosseguirem os estudos, com o apoio familiar ou não, por isso o público de discentes que já são mães está se tornando cada vez maior na universidade.

Não obstante, as mulheres que são mães e ingressam no ensino superior também necessitam ser reconhecidas socialmente, sendo mulheres-mãe acadêmicas que lutam para atingir seus projetos de vida (CANGIANI; MONTES, 2010).

O fato da chegada de um filho interfere, positiva ou negativamente, na vida das mulheres e as atividades acadêmicas, inevitavelmente tendem a ficar em um segundo plano. Para elas, o mais difícil é exatamente conseguir conciliar o tempo de ser universitária e de ser mãe, e acabam por experimentar diversos desafios na conciliação da vida acadêmica com a materna, persistência é o

primeiro deles. Neste reflete ao quadro das estudantes no seu cotidiano de conciliar faculdade com maternidade é um tanto quanto complicado, e exige sacrifícios (GOMES, 2020).

De acordo com o estudo dos escritores Silva e Guedes (2020), constatou-se que a maior parte das participantes do estudo são as principais responsáveis pelo cuidado com seus filhos e/ou filhas, limitando, assim, o tempo destinado à presença em sala de aula e à rotina de estudos.

Com base nos dados obtidos, os desafios à permanência de estudantes que são mães e cuidadoras na universidade na conciliação entre maternidade e vida acadêmica são: dificuldade em solicitar regime de exercícios domiciliares; baixo acesso a creches públicas e ausência de condições econômicas para buscar tal serviço na rede privada; dificuldade em acompanhar o fluxo dos respectivos cursos.

Com as dificuldades as vezes era de frequência, mas as vezes também por problemas que tinham justamente com os filhos, filhos doentes, entre outras. Mas no período da pandemia eu percebi, porque eu fiquei na coordenação tanto enquanto não estava na pandemia quanto na pandemia. Então eu percebi que essas demandas as mães principalmente aumentaram mais na pandemia porque elas estavam estudando e estavam em casa, em casa com seus filhos, em casa com as suas atividades de casa. Então muitas tiveram dificuldade, algumas vieram até mim pensando em desistir do curso que estava difícil, não estava conseguindo, tiveram faltas e a gente teve que às vezes intermediar com outros colegas né então eu penso que no período da pandemia teve muito mais dificuldade para as que eram mães do que no período mesmo normal. (Entrevista concedida em 26 de outubro no ano 2022. Ex-coordenadora C ano de atuação. 2020)

Assim como a coordenação do ano de 2020 ressalta, é mais difícil para essas alunas o estudo em casa. De modo que a pandemia potencializou a dificuldade, pois os serviços domésticos, a demanda dos filhos e toda rotina de uma casa se misturava às atividades acadêmicas, o que tornou tudo mais difícil ocasionando um maior número de trancamentos de alunas mães.

Resultados semelhantes foram encontrados na literatura de Silva *et al.* (2019), na qual, a maioria das entrevistadas afirmam que já pensaram em desistir do curso devido à sobrecarga das atividades e falta de tempo para resolver problemas do cotidiano.

Desse modo, uma das alunas ressalta “eu tenho dois filhos pequenos e tenho que trabalhar pela manhã e ainda estudar a tarde, e, por isso, tenho

pouco tempo para ficar com meus filhos”. Essa aluna explicou que para tirar um tempo de estudo acaba ficando um tempo longe de seu filho, fala que se encaixa na opinião dos autores Beltrame e Donelli (2012), que ressaltam que algumas pesquisas mostram que a maternidade tem um impacto negativo na vida da mulher considerando as relações de gêneros, pois a mesma acaba sendo sobrecarregada pelas atividades atribuídas a elas.

Não muito diferente dos resultados de outros autores, constatamos nessa pesquisa que muitas alunas deixam por muitas horas seus filhos para trabalhar e estudar, mas é um grande sacrifício para elas ter que ser dessa forma, mas são dilemas que precisam ser passados no momento de uma busca melhor de vida.

O caso é que são muitas as demandas acadêmicas que competem com as demandas maternas: alimentar, cuidar, brincar, levar para a creche etc., tarefas nem sempre partilhadas entre os casais. Diante de tantas solicitações e da dificuldade em equacioná-las de forma positiva, a sensação é de não conseguir fazer nada 100%, ou seja, de não se entregar completamente às atividades acadêmicas e não corresponder, satisfatoriamente, a nenhuma das duas posições (URPIA; SAMPAIO, 2011).

Essa é a realidade de diversas mulheres nas universidades, que passam por inúmeras dificuldades, encontram apoio onde é possível e seguem em busca de concluir uma graduação.

De acordo com o contexto, essas situações fazem com que as mulheres vivenciem vários sentimentos, como ansiedade, medo, angústia, culpa (SOARES *et al.*, 2013).

4.3 A maternidade e seus significado no meio universitário

Quando os filhos chegam, diz Aquino (2006), as mulheres em carreiras acadêmicas são obrigadas a fazer escolhas difíceis, como a readequação do cotidiano para exercer sua nova ocupação, o que, por sua vez, pode acarretar uma menor disponibilidade para outras atividades. Essas e outras mudanças desencadeiam sentimentos ambivalentes (TRAVASSOS-RODRIGUEZ, 2013).

A vista disso, como já foi referido anteriormente, é necessário um apoio profissional a essas mulheres mães, pois a chance de desenvolverem algum tipo de doença é muito grande. Pois estão sobrecarregadas.

Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Tauil (2019), quando descreve sobre a descarga emocional do período amamentação pode gerar problemas psicológicos graves, algumas vezes não relacionados com a gestação e o nascimento, mas sim, com a história de vida da mulher.

É visível as mudanças que acontecem quando um filho entra no cenário, há inevitavelmente uma nova adaptação no contexto da mãe estudante, na qual, a vivência da maternidade a maioria das mulheres experimenta sentimentos contraditórios e inconciliáveis com a imagem idealizada da maternidade ditada pela cultura androcêntrica.

A respeito dessa conciliação mãe e universidade, Bittencourt (2011), diz:

As acadêmicas, quando decidem conciliar carreira e maternidade, vivenciam conflitos em incorporar o discurso da produtividade focado na dedicação exclusiva para o fazer acadêmico, pois elas necessitam de tempo para atender a outras demandas como a família. Logo, sentem dificuldades em incorporar o etos competitivo presente no campo acadêmico. Esta dificuldade de incorporar os hábitos, muitas vezes, faz a acadêmica sentir-se excluída do campo, por não corresponder ao ideal do ser acadêmica sustentado pelo discurso do “ser produtiva”, mas também “culpada” por não conseguir “deixar de lado” as responsabilidades vinculadas aos cuidados de seus filhos [...] (BITTENCOURT, 2011 p.231).

A visão romantizada sobre a maternidade pode gerarem sentimento de frustração e impotência na mulher, podendo levá-la a problemas psicológicos graves na busca obsessiva pela perfeição inalcançável (AZEVEDO, ARRAIS, 2006). A ideia de que o amor materno é inato à figura feminina é passado de geração em geração como verdade absoluta, estabelecendo regras no comportamento materno, fazendo as mulheres conviverem até os dias atuais com o temor de não serem capazes de exercerem seu novo papel, o de mãe (URPIA, 2009).

A justificativa de muitas mulheres desistirem da universidade ou até mesmo não ingressarem, se enquadra a ideia de não conseguirem serem boas mães, não prestam a devida atenção aos filhos e não cumprirem com suas

tarefas cotidianas. Ou até a desculpa de que não há tempo para se ter um curso superior, por estarem tão preocupadas ao que irá ocorrer ao seu entorno.

Portando, uma maternidade perfeita liga muito atualmente, onde mães não podem nem desabafar suas frustrações do seu cotidiano, que já são atacadas pelo simples fato de seus posicionamentos de uma vida que ela já está adequada, até porque quem melhor falar de maternidade se não a própria que está vivenciando essa realidade.

Pelo fato de a sociedade acreditar nas ideias que foram culturalmente atribuídas as mulheres em relação à maternidade ao longo da história, muitas delas, quando se distanciam dessas projeções, são acusadas frequentemente de anormais, gerando sentimento de culpa e intimidações (BADINTER, 2011).

Compreende-se que cada mulher vivencia a maternidade de maneira singular havendo uma grande variabilidade associada à cultura e ao período histórico em que é analisada (BADINTER, 2011).

Diferentes são os fatores que influenciam na justificativa da desistência ou interrupção do curso na faculdade. Visto que, sempre há um fator de influência nessa decisão.

Diante desses fatores, 78,4% das participantes do estudo afirmaram ter realizado alguma interrupção no curso em decorrência da gestação e/ou da maternidade, enquanto 62,2% disseram conhecer alguma estudante que abandonou o curso em decorrência da maternidade. Ademais, a dificuldade em acessar políticas como transporte, moradia e saúde pública surgiu como limitador ao desempenho acadêmico e trabalho materno (SILVA; GUEDES, 2020).

Além do mais, fomentar o debate sobre essas questões discutidas, podem muitas vezes ser um instrumento de fortalecimento das mães que se deparam constantemente com tantas barreiras e empecilhos, quando persistem na difícil tarefa de conciliar a maternidade à universidade.

Segundo Andifes (2019), o desenvolvimento de Políticas Públicas para melhor ampará-las, e proporcionarem um acolhimento da instituição de ensino superior, pode tornar menos doloroso o processo de ser mãe acadêmica, uma em cada dez estudantes constitui a condição de maternidade, ou paternidade. Ainda que não chegue, à maioria, o conhecimento de suas

características socioeconômicas é importante para o desenho de políticas de Assistência Estudantil.

Entender as estudantes-mães, e todo contexto em que vivem, auxiliaria na elaboração de um ambiente acadêmico mais confortável de modo que elas sejam atendidas conforme suas necessidades e singularidades. Estudar a mulher-mãe na sua faculdade, para então poder elaborar um plano acadêmico que melhor se adeque, é um grande desafio, pois, há a necessidade de humanizar as ações dentro do processo burocrático na academia.

Como sugestão de estudos futuros há a proposta de analisar a presença de estudantes universitárias dentro da instituição; desenvolver estudos sobre a relação da evasão e maternidade; e analisar a ampliação do plano de desenvolvimento institucional.

Quando se fala de maternidade dentro das universidades, verifica-se um tema complexo para uma mulher que é mãe e pleiteia por seu espaço no mundo. Muitas vezes essas mães são funcionárias, esposas e alunas ao mesmo tempo, acumulando assim várias tarefas para sua vida. Então houve a necessidade de discutir e refletir tais desafios.

Ademais, se faz necessária a reflexão sobre a adoção de práticas e políticas organizacionais, escritas e oficializadas para a implantação de berçários, creches e banheiros família com fraldários, além de sensibilização para a conciliação de redes de apoio dentro das Universidades que favoreçam todos os períodos da maternidade, desde a gestação até à amamentação.

Consequentemente, a graduação não é um percurso fácil, ao contrário, perpassa por momentos de dificuldades em diversos sentidos, dos quais infelizmente, nem todas que desejam conseguem alcançar o objetivo. As dificuldades em conciliar a maternidade versus a graduação são constantes, diante desta vivência de conflitos pessoais e interpessoais, contudo, ainda é possível encontrar satisfação durante e ao completar esta jornada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa busquei refletir sobre as dificuldades da mulher enquanto mãe em sua trajetória universitária, na Universidade Federal do Maranhão Campus/Grajaú-MA. Ficou evidente o quanto é difícil a construção de uma vida acadêmica de mulheres mães enquanto discentes, dificuldade de se sentir inseridas adequadamente em uma sociedade cheio de padrões. Assim, também no meio de tantos olhares duvidosos com relação ao seu sucesso.

As mães como parte crucial na construção de vida e no desenvolvimento dos seus filhos e famílias, tendo um espaço de tempo limitado visto os vários papéis exercidos por elas, ficando mais evidente no meio universitário.

A família, como rede de apoio, aparece como principal suporte para que as alunas consigam concluir seu curso de graduação e, dessa forma, consigam uma realização pessoal e a possibilidade de uma melhor estabilidade financeira.

O medo e a insegurança de não conseguir a continuação do curso é o que mais abala as discentes e o que mais leva as mesmas a quererem desistir da sua jornada acadêmica.

A universidade, por sua vez, deveria disponibilizar um suporte além do que o auxílio creche, um espaço adequado onde possam deixar os filhos das alunas e dos funcionários da universidade, ou até mesmo para aquelas que não tem com quem deixar. Sendo assim, estaria incluindo esse público nesse espaço político educacional.

O julgamento da sociedade em relação a esse público reforça padrões e tenta impedir mudanças no que é construído como papel ideal de uma mãe. Portanto, o poder de dominar e querer impor o que é certo sempre vem de uma sociedade que vai sempre querer ser perfeita, impondo um poder e um domínio tanto fisicamente como mentalmente, como “um jogo de poder”, algo que em um indivíduo sempre vai ter, porém, vai depender se estará disposto a posicionamento negativa ou positivo.

Quando se fala em sociedade, fala-se de grupo de pessoas que sempre irá se impor e dizer o que é certo e o que é errado. “O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto,

ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam!” (FOUCAULT, 2011, p. 246,).

Mas quem é certo? Em um mundo em que cada um deve seguir sua história e trilha seu caminho, é o caso das alunas que estão enfrentando tabus de uma sociedade padronizada, onde a mulher por mais direitos e conquistas ela tiver, sempre vai sofrer julgamentos.

Perante o exposto, foi explanado com o relato das discentes mães entrevistadas, a respeito da conciliação da vida materna com a universidade, é possível concluir que há muita coisa a se fazer, como ter mais suporte com esse grupo de pessoas que frequentam o campus de Grajaú. Precisa-se também focar em um espaço para ter uma brinquedoteca, pois é um ambiente de grande importância para o desenvolvimento de educação e um suporte que incluirá, mais as discentes.

Ainda tem o aspecto psicológico que a discente mãe enfrenta no seu dia a dia e nem sempre as discentes são assistidas por um profissional habilitado a lidar com esse aspecto. Mesmo o NAE ofertando o suporte psicológico, muitas alunas não procuram esse serviço, a justificativa é a falta de tempo, devido as demandas do seu cotidiano com seus deveres e papéis a ser exercido.

No cenário atual da universidade, tem-se um alto número de desistência de discentes mães, e isso deve-se à falta de apoio necessário com suporte no campus, pois todos têm direito de estudar livremente.

Conforme a realização da pesquisa foi possível observar que as discentes que são mães antes de adentarem a universidade, escolheram ingressar no ensino superior para mudar de vida, ter uma renda melhor para se, e sua família, sendo mãe solo ou não decidiram enfrentar todo o processo de conciliamento entre os papéis do cotidiano, para assim conseguir a realização do seu sonho.

Na pesquisa realizada na “Universidade Federal do Maranhão – Campus Grajaú”, os dados encontrados sobre a quantidade de alunas mães do campus não são precisos. Há necessidade de uma investigação mais detalhada das necessidades e das condições de estrutura disponibilizada pela universidade.

Essa pesquisa foi muito importante para minha formação, tanto pessoal como profissional, entendi que todas nós temos algo em comum, a necessidade de realização pessoal e as barreiras impostas pela sociedade.

Espero muito que esse trabalho possa contribuir futuramente com a política institucional de gestão do campus e as discentes mãe.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. G. et al. PRESENÇA E ATUAÇÃO DE MULHERES MÃES NA UNIVERSIDADE: DIALOGANDO COM PROFESSORES/AS E ALUNAS. **Revista Cenas Educacionais**, Caetité – Bahia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/8568>. Acesso em: 23 jan. 2023.

ALMEIDA, H. S.; TEIXEIRA. M. C. Ações afirmativas como medida de proteção das minorias/ **Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/veristas/revistas-metodista/index.php/RFD/article/download/2595/2540>. Acesso em: 23 nov. 2022.

AMORIM, T. C. S. A formação acadêmica das mães universitárias do campus Clóvis moura: um olhar para a qualidade. **Anais IV FIPED**. Campina Grande. São Paulo, 2012. disponível, em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/571>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ANDIFES, V. **Pesquisa nacional de perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (AS) DAS IFES**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

AQUINO, E M. Gênero e Ciência no Brasil: Contribuições para pensar a ação política na busca de equidade. *In*: HEILBORN, Maria Luiza *et al* (Org.). **Sexualidade, Reprodução e Saúde**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/RFD/article/download/2595/2540>. Acesso em: 03 jul. 2023.

AQUINO, E. M. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. *In*: **Encontro Nacional Pensando Gênero E Ciência Núcleos e Grupos de Pesquisa**, 2005, 2006, Brasília. Anais eletrônicos... Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/dgenerus/article/view/2057>. Acesso em: 22 jan. 2023.

AZEVEDO, K. S., *et al*. **O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18819213>. Acesso em: 22 jan. 2023.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Editora Record, 2011. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/1_27560/Badinter%2C+Elisabeth+O+Mito+do+Amor+Materno.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

BELTRAME, G. R.; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Revista Aletheia** 38-39. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n38-39/n38-39a17.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da educação. **Decreto nº 7.234**, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, 2010. *Diário Oficial da União*, 20 jul. 2010. Brasília. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 10 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da educação. **Decreto nº 7.234-2010** - Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 4 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da educação. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 26 jun.2014, Edição extra, Seção 1. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 10 jun. 2013.

CORREIA, M. J. Sobre a Maternidade. **Análise Psicológica**. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/a_ps/v16n3/v16n3a02.pdf. Acesso em: 24 mai 2023.

DESSEN, M. A., BRAZ, M. P. **Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tKVjzy8dRNBxclMT637PcHJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FOUCAULT, M, **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. M. T. C. Albuquerque e J.A. G. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GRADVOHL, S. M. O., *et al.* Stress Of Men And Women Seeking Treatment For Infertility. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-72032013000600004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 03 jul. 2023.

SCOTT. JOAN. **Gênero: uma categoria para análise histórica**/ introdução: Cristine Rufino Dabal. Maria Betânia Ávila. 2ª edição. Recife fevereiro de 1995 Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=883871> acesso em: 20 jul. 2023.

MENEZES, R. S. *et al.* **Maternidade, trabalho e formação**: lidando com a necessidade de deixar os filhos. Constr. Psicopedagógico. São Paulo, 2012 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14156954201200200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 jul. 2023.

MORAES, H.J. P., *et al.* CIDADE LABIRINTO E ARTICULAÇÕES SIMBÓLICAS DE UM IMAGINÁRIO URBANO: **REPRESENTAÇÕES INFANTIS SOBRE IMBITUBA**. Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/tessera/article/view/51068>. Acesso em: 03 jul. 2023.

OLIVEIRA, M. C. S. L. **O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade**. Portal de formação a distância sujeitos, contextos e drogas. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://aberta.senad.gov.br/>. Acesso em: 17. nov. 2022.

ONU. **Carta das Nações Unidas**. Artigo 26. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/dezembro/artigo-26deg-direito-a-educacao>. Acesso em: 03 jul 2023.

PICCININI, C. A., *et al.* Gestação e a constituição da maternidade. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/r/pf/pe/v13n1/v13n1a07.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PORTO, D. O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero. **Revista Redbioética/UNESCO**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://redbioetica.com.ar/wp-content/uploads/2018/11/Porto.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SANTANA, J. D. S.; BRANDÃO, M. A. **A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus VII Codó**, 2020. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/4587>.

SCAVONE, L. **Maternidade**: transformações na família e nas relações de gênero. Interface-Comunicação, Saúde, Educação. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SILVA, J. S., *et al.* **A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus VII Codó.** 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA7_ID6131_27082019105207.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, J. S.; ALVES, M. B.; CARVALHO, G. B.; TAVARES, R.; ARRUDA, A. A. de; COSTA, C. D. M. da. **A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus VII Codó.** 2020; Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/12515>. Acesso em: 23 nov. 2022.

SOARES, M. C. S., *et al.* Expectativas e desafios de mulheres acadêmicas de enfermagem que engravidaram durante a graduação. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações. Goiás, 2013. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Expectativas-e-desafios-de-mulheres-acad%C3%AAsicas-de-a-Silva-Soares/da4a4fb71c2801d3_65d83d7d4a113f30a9727f1d. Acesso em: 22 jan. 2023.

SOBRINHO; José Dias. Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior**. Campinas; Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 581-601, nov. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=219142567002>. Acesso em: 03 jul. 2023.

TAUIL, T. I. Políticas públicas para mães universitárias [manuscrito]: um estudo bibliográfico / Tatiana Ioussef Tauil. - 2019. **Monografia (Graduação)**. Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Administrativas. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2524/15/MONOGRAFIA_Pol%C3%ADticasP%C3%BAblicasM%C3%A3es.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

TOURINHO, J. G. **A mãe perfeita: idealização e realidade.** IGT na Rede. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/12>. Acesso em: 4 jul. 2023.

TRAVASSOS, R. F.; FÉRES, C. T. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382013000100008. Acesso em: 03 jan. 2023.

URPIA, A. M. O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante.** 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,

Salvador, 2009. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana_maria_urpia.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

URPIA, A. M. O., SAMPAIO, Sonia. M. R. **Mães e universitárias**: transitando para a vida adulta. Bahia, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117-09.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/reconcavos/article/view/1094>. Acesso em: 10 jan. 2023.

VIEIRA, A. C.; SOUZA, P. B. M. de; ROCHA, D. S. da P. Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. **Revista Cocar**. Pará, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2172>. Acesso em: 4 jul. 2023.

YANNOULAS, S. **Mulheres e Ciência**. Série As Letras Livres. Brasília, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/J_KqXjGHZjJBQvwN_KyVTTymp/?lang=pt. Acesso em: 03 jan. 2023.

